



C

) FIN

1 DO
PRE

SEN

JTE

≡

O FIM DO PRESENTE

O FIM DO PRESENTE

Concepção e organização **Laura Cattani | Munir Klamt**

Fotografias **Anderson Astor**

Projeto gráfico e intervenções
sobre imagens das obras **Guilherme Dable**

Curadoria literária e coordenação **Vitor Diel**

Autora/es **Atena Beauvoir | Davi Koteck | Jeferson Tenório |
José Falero | Juliana Maffeis | Mariam Pessah |
Tiasmin Ohmacht**

Revisora **Maiara Alvarez**

Edição **Névoa**

Tiragem **500 exemplares**

As escolhas de estilo de cada autor/a
foram respeitadas na editoração deste livro,
de acordo com os originais recebidos.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP

F489 O fim do presente / organização Laura Cattani, Munir Klamt; curadoria literária
Vitor Diel; autora/es Atena Beauvoir ... [et al.] – Porto Alegre: Névoa,
2021.
p. 69-128: il.

Publicado com: Tempo como verbo.
ISBN: 978-65-994686-2-9

1. Tempo – Contos. 2. Contos – Literatura sul-riograndense. 3. Representação do
tempo. I. Cattani, Laura. II. Klamt, Munir. III. Diel, Vitor. IV. Beauvoir, Atena.

CDU: 869.0(81)-34:115

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

C
) FIN
1 DO
PRE
SEN
JTE
≡

Organização
Laura Cattani
Munir Klamt

Névoa
Porto Alegre, 2021

NÉVOA EDIÇÕES

Conselho editorial **Laura Borsa Cattani** | UFPel
(Universidade Federal de Pelotas)

Munir Klamt Souza | UFRGS
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Conselho científico **José Afonso Medeiros Souza** | UFPA
(Universidade Federal do Pará)

Alejandra Hernández Muñoz | EBA/UFBA
(Escola de Belas Artes da
Universidade Federal da Bahia)

Ana Zeferina Ferreira Maio | FURG
(Universidade Federal do Rio Grande)

Androula Michael | CRAE-UPJV
(Université de Picardie Jules Verne)

Christus Menezes da Nobrega | UnB
(Universidade de Brasília)

Daniela Pinheiro Machado Kern | UFRGS
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Eduardo Ferreira Veras | UFRGS
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mario Celso Ramiro de Andrade | ECA-USP
(Universidade de São Paulo)



REALIZAÇÃO

TORUS
INSTITUTO CULTURAL

APOIO (vinculado ao projeto de pesquisa "Obscuridade Íntima do Tempo" de Munir Klamt (IA - UFRGS))

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

UFRCA
INSTITUTO DE ARTE

DAV

M | A | R | G | S

Projeto realizado com recursos da Lei no 14.017/2020

**IB
CULTURA**

**NOV
FAÇANHAS**
NA CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

O FIM DO PRESENTE

- 9 **AS MÚLTIPLAS ENCARNAÇÕES DA REALIDADE NO MUNDO, OU:
ESTA LÍNGUA QUE VOCÊ LÊ É FEITA DE ROMANOS JÁ DECOMPOSTOS**

Laura Cattani | Munir Klamt

- 10 **COMO EXTIRPAR UM INSTANTE: OBRAS DA EXPOSIÇÃO
TEMPO COMO VERBO**

- 25 **TODOS OS TEMPOS EM TEMPO ALGUM |** Vitor Diel

- 31 **AOS FIOS DE UM ESCALENO EXAURIDO |** Jeferson Tenório

- 35 **MESMO QUE JÁ CONHEÇA AS BARBAS DE DEUS |** Davi Koteck

- 39 **RANHURAS NO CONCRETO |** Taiasmin Ohnmacht

- 45 **O FORASTEIRO |** José Falero

- 61 **FOBOS |** Atena Beauvoir

- 67 **DO GELO AO DESGELO |** mariam pessah

- 75 **DEMORA |** Juliana Maffeis

- 78 **SOBRE A/OS ORGANIZADORA/ES E AUTORA/ES**

AS MÚLTIPLAS ENCARNAÇÕES DA REALIDADE NO MUNDO, OU: ESTA LÍNGUA QUE VOCÊ LÊ É FEITA DE ROMANOS JÁ DECOMPOSTOS

Laura Cattani | Munir Klamt

O título *O Fim do Presente* foi um empréstimo do nome de um capítulo de *A ordem do Tempo*, de Carlo Rovelli, no qual o autor nos explica que faz pouco sentido, em termos cósmicos, falarmos sobre um agora. O que existe são infinitas ilhas com bordas estreitas (claro, nos termos do universo) de um presente específico. Como se o nosso entendimento do presente fosse sempre parcial, e camadas e camadas se sobrepusessem em um turbilhão. Nos fascina pensar estes vários presentes ocorrendo simultaneamente. Leibniz dizia que este era um dos predicados de deus: pensar as infinitas configurações da realidade e escolher uma única, enquanto as outras seriam deixadas como fantasmas em sua imaginação. Fantasmas, no caso, é como chamamos muitas coisas, além das caricatas criaturas das histórias de horror, ou das figuras recobertas por lençóis: são estas formas de vida que nos moldam, são as vozes dos mortos que nos falam todo o tempo (esta língua que você lê é feita de romanos já decompostos), são seus desejos contraditórios e secretos, são seus deuses operando nos seus sucessos e infortúnios. São estes fantasmas que convocamos para *O Fim do Presente*.

Neste livro, cada autor/a recebeu a imagem de uma das obras da exposição *Tempo como Verbo* (sem mais informações, quase como quem recebe uma carta anônima), que lhe serviu de ponto de partida para a criação de um conto. Esta operação deu-se como se fosse possível extirpar um instante, podá-lo e, cuidadosamente, enxertá-lo em uma nova realidade que gestasse outro passado e outro futuro.

Assim, cada escritor/a animou a imagem que recebeu com uma nova história. Um solitário farol foi deslocado no tempo, anéis perdidos no mar foram urdidos com lembranças da infância, um breve romance envolveu uma musa com sapatos de gelo... Novas tramas foram tramadas, outros caminhos cruzados. Nos interessa apontar esta sobrevivência da imagem na corrente do rio do tempo: sua gana de existir e se propagar. O jogo oriundo de seus ecos, seus mal entendidos, malditos e epifanias é o que queríamos conjurar quando convidamos Vitor Diel para formar esta confraria: Atena Beauvoir, Davi Koteck, Jeferson Tenório, José Falero, Juliana Maffeis, Mariam Pessah e Tiasmin Ohmacht.

**COMO EXTIRPAR UM INSTANTE:
OBRAS DA EXPOSIÇÃO
TEMPO COMO VERBO**

Túlio Pinto

Nadir #Escaleno, 2016

fotoperformance

(performer: Diego Passos)

Traje de corda, lâmina de vidro e pedra















TODOS OS TEMPOS EM TEMPO ALGUM

Vitor Diel

Falar sobre o tempo é falar sobre a experiência humana. Ainda que busquemos as referências científicas e exatas sobre este assunto, estaremos atrelados à percepção do tempo em relação à observação humana direta ou indireta. Em outras palavras, para falarmos sobre o tempo, utilizamos os recursos de nossa Humanidade, que pode ser tanto uma perspectiva carregada de objetividade como aquela oferecida pela astronomia ou pela física, ou de subjetividade, como aquela percebida nos relacionamentos humanos. De qualquer forma, o tempo é sempre relativo — ou seja, se relaciona a alguma outra coisa que é externa a ele mesmo a fim de ser compreendido.

No livro *Bilhões e bilhões: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio* (Cia das Letras, 2009), o astrônomo norte-americano Carl Sagan fala rapidamente sobre a relatividade do tempo atrelado à medição dos instrumentos humanos:

O tempo da viagem de ida e volta da luz entre a Terra e uma altitude geossíncrona é um quarto de segundo. Quanto mais distantes estiverem o transmissor e o receptor, mais tempo leva. Em conversas com os astronautas da Apollo sobre a Lua, a demora entre a pergunta e a resposta era maior. Isso porque o tempo da viagem de ida e volta da luz (ou rádio) entre a Terra e a Lua é 2,6 segundos. Receber uma mensagem de uma nave espacial situada em posição favorável na órbita marciana leva vinte minutos. Em agosto de 1989, recebemos fotografias, tiradas pela nave espacial Voyager 2, de Netuno, suas luas e anéis — dados que nos foram enviados das fronteiras planetárias do sistema solar, levando cinco horas para chegar até nós à velocidade da luz. Foi um dos mais demorados telefonemas de longa distância já feitos pela espécie humana. (p. 49)

Sagan notabilizou-se por popularizar o conhecimento astronômico através de seus mais de trinta livros, colunas em periódicos e programas de televisão — como o seriado *Cosmos*, um sucesso de 1980 e hoje disponível em português pelo YouTube. O tempo cósmico é um vetor determinante para a compreensão do lugar

ocupado pela humanidade terrestre no Universo: uma perspectiva objetiva que pode ser aferida e comprovada por equipamentos adequados para esse fim, mas que tem a tendência de excitar nossa subjetividade e alimentar reflexões sobre origem, destino e propósito da vida humana. Qual a finalidade de nossos gestos diante do tempo cósmico? Qual é o significado da experiência humana individual ou coletiva diante dos grandes movimentos da natureza — que não somente parecem-nos independentes, como guardam certa soberba em sua autonomia? Qual é o propósito e o objetivo das vivências humanas diante dessa totalidade assombrosa?

No livro *Amar se aprende amando* (Círculo do Livro, 1987), Carlos Drummond de Andrade tem, no sentimento amoroso e nos relacionamentos humanos, o substrato daquele seu momento poético. Em um de seus poemas mais reconhecidos, o poeta associa a experiência do tempo em relação à experiência do amor romântico:

*O tempo passa? Não passa
no abismo do coração.
Lá dentro, perdura a graça
do amor, florindo em canção.*

*O tempo nos aproxima
cada vez mais, nos reduz
a um só verso e uma rima
de mãos e olhos, na luz.*

*Não há tempo consumido
nem tempo a economizar.
O tempo é todo vestido
de amor e tempo de amar.*

*O meu tempo e o teu, amada,
transcendem qualquer medida.
Além do amor, não há nada,
amar é o sumo da vida.*

*São mitos de calendário
tanto o ontem como o agora,
e o teu aniversário
é um nascer a toda hora.*

*E nosso amor, que brotou
do tempo, não tem idade,
pois só quem ama escutou
o apelo da eternidade.*

(p. 16)

Para o poeta, o lugar a partir do qual ele escolhe experienciar o tempo é o da subjetividade irrigada pelo sentimento amoroso. Aqui, a relativização do tempo, tópico que o astrônomo Carl Sagan atinge de forma reta no trecho acima, é percebida numa circumambulação nada repetitiva e numa tangente que passa pelas lentes do sentimento que irradia-se para muitos lados ao mesmo tempo e que, assim, desenha um perfil do tempo cuja compreensão é carregada da umidade típica das emoções transbordantes. Para Drummond, há um lugar em que o tempo não passa (*no abismo do coração*); o tempo tem uma dinâmica acoplada à reciprocidade dos sujeitos (*O tempo é todo vestido / de amor e tempo de amar*); o tempo pode não existir (*Não há tempo consumido / nem tempo a economizar; São mitos de calendário / tanto o ontem como o agora*); há um tempo que é ideal e esse ideal é infinito (*pois só quem ama escutou / o apelo da eternidade*). É dessa forma, ao colocar um poeta e um astrônomo lado a lado, que podemos perceber que competências de áreas distintas se encontram e concordam a respeito da relatividade do tempo diante da experiência humana, seja ela científica ou poética, objetiva ou subjetiva.

O livro que você tem agora em mãos pode conduzi-lo por essas reflexões, em alguns momentos mais do que em outros. Sete contistas foram convidados a estabelecer uma relação entre uma obra de arte plástica/visual e a arte narrativa. São eles, em ordem alfabética: Atena Beauvoir, Davi Koteck, Jeferson Tenório, José Falero, Juliana Maffeis, mariam pessah e Taiasmin Ohmacht – escritores de trajetórias distintas e estilos diversos foram expostos, cada um, respectivamente, ao registro fotográfico ou audiovisual de uma obra ou série dos seguintes artistas: Bruno Borne, Ío, Túlio Pinto, André Severo, Virgínia Di Lauro, Andressa Cantergiani e Dirnei Prates. Como um gatilho criativo, os registros das obras foram colocados à disposição dos escritores para que criassem uma narrativa curta cujo elemento determinante para sua produção fosse a plena liberdade criativa. Sendo assim, o resultado, apresentado nesta publicação, é diversificado tal qual os autores e artistas aqui presentes.

O título, *O fim do presente*, remete, de certa forma, às reflexões suscitadas por Sagan e por Drummond, expostas acima. Numa perspectiva cósmica, o presente inexistia ao mesmo tempo em que existe em todos os lugares do Universo ao mesmo tempo. Na perspectiva das emoções humanas, o presente é o tempo da eternidade, que é alcançada na reciprocidade do relacionamento amoroso. Tempo é também um dos principais vetores da construção narrativa, juntamente com personagem, enredo, narrador e espaço. Toda narrativa (uma história com início, meio e fim) é constituída por estes elementos, e a articulação dos mesmos, aliados à experiência estética realizada a partir da palavra, edificam a literatura narrativa. São ingredientes inescapáveis que podem abrir um oceano de significados quando a leitura ocorre, a qual só acontece com a presença determinante da pessoa leitora.

Os contos aqui presentes compõem um pequeno recorte da diversidade da literatura produzida atualmente no Rio Grande do Sul. Os autores participantes foram convidados com a perspectiva de uma seleção de nomes que celebrasse essa

diversidade natural de nosso ecossistema literário e que tivessem experiência com a escrita narrativa. Foi buscado um equilíbrio entre perfis distintos para que esta pequena coletânea refletisse organicamente a cena local. Em comum entre todos, a disposição em aceitar uma provocação criativa que os lançasse num exercício de escrita que dialogasse com outro campo das artes. Como resultado, esta publicação apresenta contos que tratam de temas como envelhecimento, luto, sociedade, sexualidade, relacionamentos, tempo, tópicos colocados às vezes de maneira explícita, às vezes de maneira simbólica, sempre com habilidade e preocupação em oferecer à pessoa leitora uma experiência de leitura surpreendente em função de seu ponto de partida.

Athena Beauvoir, escritora e educadora afeita a um diálogo com a Grécia Clássica, entrega-nos *Fobos*, uma história que se presta como uma simbologia de violência, renúncia e submissão, colocando os mitos gregos a serviço de uma nova narrativa sobre relações e conflitos. Seu conto foi criado a partir da videoinstalação *Escudo de Perseu*, de Bruno Borne.

Davi Koteck, poeta e contista, que tem despontado com seu olhar muito autoral sobre as subjetividades, por outro lado, escreve *cinuegos* e leva-nos a refletir sobre morte, luto, perda, solidão e o tempo cíclico a partir da performance *Trindade do Tempo*, de Ío, em que há uma evidente proposta de reflexão sobre os movimentos naturais e a existência humana.

Jeferson Tenório, romancista elogiado nacionalmente, contribui com *Aos fios de um escaleno exaurido* para tratar da fragilidade humana e da delicadeza da vida, expondo seu personagem através de um monólogo interior e colocar o leitor dentro da obra *Nadir Escaleno*, de Tulio Pinto.

O contista, cronista e romancista José Falero entrega aquele que é provavelmente o conto mais inventivo desta seleção. Em *O forasteiro*, somos levados a um universo narrativo distante de nosso tempo e de nossa realidade, em um conto atmosférico sobre medo e o sobrenatural — dois elementos que foram extraídos pelo autor a partir do vídeo *Sem Título*, de André Severo, em que ondas se arremessam violentamente contra um farol.

Certamente a autora com mais familiaridade ao universo das artes visuais, a escritora e arte-educadora Juliana Maffei contribui com o conto *demora*, o qual nos apresenta reflexões sobre o corpo, o feminino e o tempo ao, habilidosamente, jogar-nos dentro da cabeça de uma personagem criada a partir de *Diluir-se/ Enquanto escapa o tempo*, fotografia de Virgínia Di Lauro.

Recorrendo a uma abordagem humorística, a poeta e artista feminista mariam pessah leva-nos a refletir sobre apegos, imaginário e relacionamentos contemporâneos no conto *do gelo ao degelo*. Criado a partir da foto performance *Miss Take*, de Andressa Cantergiani, a autora, que é conhecida pelo seu uso inventivo com as letras e as palavras, oferece uma experiência de leitura saborosa e estranhamente familiar.

Por fim, a romancista e psicanalista Taliasmin Ohnmacht surpreende com um conto de final inesperado. *Ranhuras no concreto* expressa a delicadeza com a qual a autora aborda a vida nas cidades contemporâneas — um espaço que aqui faz-se presente como o campo de atuação ideal da subjetividade e das emoções. Seu conto foi criado a partir da série fotográfica *Invisível*, de Dirnei Prates.

O tempo está sempre presente, naturalmente, como elemento narrativo dos contos, como tema, como provocação. Em alguns momentos, o tempo é moroso; em outros, é perverso. Ou ainda determinante, ou desimportante. Banal ou excepcional. Millôr Fernandes, em um dos seus muitos aforismos, diz: “O tempo não existe. Só existe o passar do tempo” (*Millôr definitivo: a bíblia do caos*, L&PM Pocket, p. 554). Parece que os autores desta publicação corroboram o guru do Méier: o tempo é o que é feito dele, é o que nós fazemos com ele. Sendo assim, o tempo não importa, embora seja muito importante na medida em que ele é uma espécie de lugar, de hábitat das ações, sejam elas interiores ou externas: em alguns dos contos aqui presentes, os personagens não se deslocam no espaço, ao mesmo tempo em que sua dimensão emocional move-se velozmente, como num treloucado itinerário pelas memórias e impressões.

O fim do presente é um não-lugar que foi mobiliado com expectativas, ressentimentos, ilusões, arrependimento e ansiedades. É um discurso sobre um tempo que não existe agora, que se alimenta do próximo gesto ou do gesto anterior. É, portanto, retrato também do nosso tempo histórico, em que boa parte do mundo encontra-se na expectativa pelo fim deste presente pandêmico e incerto sobre o que o sucederá: um próximo novo mundo ou a repetição do mundo do passado. Dessa forma, podemos reconhecer que o fim do presente pode guardar alvíssaras futuras.

Este livro promete uma experiência de leitura carregada de camadas e significados a serem construídos em parceria com você, leitor. Espero que ele lhe revele as mesmas surpresas que revelou pra mim, sendo uma delas, talvez a mais significativa, aquela que assegura que o diálogo entre diferentes áreas da criação humana pode abrir inesperadas janelas de compreensão sobre nosso lugar no mundo, nossa potência criativa, nossa natureza e o nosso tempo — seja ele cósmico, subjetivo, histórico ou inexistente.



AOS FIOS DE UM ESCALENO EXAURIDO

Jeferson Tenório

A gente esquece é para se consertar. A simplicidade da morte me assusta e a complexidade da vida me resgata. Eu tenho fios e um corpo. Um emaranhado de fios, braços e pernas. Vou me tecendo e agora penso nos que foram antes de. Penso nos que foram antes do. Nos que vieram antes da. O azul deste corpo exaurido me absolve de Deus e é no aprendizado da perda que desencontro o chão. Há uma viagem a ser feita e é Logun Edé quem avisa. *Loci, loci Logun! Loci Logun.* A gira começa. A roda refaz o caminho até aqui. Ijexá. Travessia. No meu corpo Deus se desmancha. Deus aqui não manda. Na memória atlântica, Porto Alegre é um tempo. Nadir é um tempo que se ergue. A força triste da gravidade. Um esbarrão em si mesmo. Puxa e domina. Mas a gira é a gira. Um Ofá apontado para o céu. Oxóssi. A chegada das mais velhas põe o mundo nos eixos. A sina de consertá-lo já não é um fardo, porque agora Sísifo sorri. Na memória das mais velhas, Deus é apenas um menino com os pés sujos. Ele vai aprender com o chão, elas dizem. Em novelos de lembranças se desenrolam as histórias atadas a um mar diluído. Mar morto. Sucumbido entre o ar e o sal. Ao falar delas, retorno a mim. Um Eu espalhado e recuperado. A vida individual e íntima alicerçada na coletividade. O fio da vida, tramada um a um com silêncio das mãos. *Viver não é perigoso. Viver sozinho é que é*, elas dizem e voltam a tecer. Na coletividade há um atlântico reencontrado. Um repouso nas alegrias e na lucidez de um sonho. A gira segue, porque precisa. Bará Agelú traz as chaves e o segredo do mundo é revelado. Nadir e as flutuações de si regressam em cores de sangue e céu, e há nelas o intervalo de angústias. Na memória se perde. Na memória se morre. Na memória se refaz. Reconstrução pelos fios e pelos afetos ferozes. A delicadeza nos redime e nos põe em movimento. A gente lembra é para se consertar da vida. Escrevo para manter o equilíbrio. Meu corpo é tudo que eu tenho. Nem tudo que escrevo é literatura e nem todos os movimentos vêm do meu corpo, sou circundado pela linguagem cotidiana e utilitária. É ela que me veste. A literatura me deixa nu. E, como um caçador, vou atrás das palavras. Pois o prazer da caça não é a captura, mas o caçador. Olho mais uma vez para o Escaleno de Nadir. E novamente sou acometido pela vertigem. Preciso encontrar o equilíbrio, porque algo se perde no descentramento. Tenho coisas para esquecer, mas não agora. Falta-me algo para o equilíbrio, porque esquecer é uma luta e não tenho, agora, o melhor de mim. Quero esquecer tudo. Tornar-me sempre hoje. Deslembramento. Preciso sair. Todo museu tem um pouco de morte. Às vezes não estou preparado para arte. Saio e a vertigem continua. Caminho pelas ruas. Entro na praça da Alfândega. Não estou bem. Nadir me

acompanha e uma geometria do instante se refaz diante dos meus olhos. O que vivo agora é intraduzível. Chamo por Ogum. A gira começa em minha cabeça. Toques dos atabaques me rondam. E, sob meus pés, um terreiro. Olho para as minhas mãos e me pergunto: que corpo é esse? Um escaleno repercute dentro mim. E eu sou eu, ainda que ninguém me veja. Sento-me num banco. Agora, a vertigem é o meu acontecimento. Um feixe de luz desbotada cega momentaneamente meus olhos. Sou um cego à deriva. Penso em meus poemas e volto a mim. A lírica é sempre uma revelação. Salva e nos põe num tempo sagrado. Observo as pessoas. Há um tempo imediato em suas caminhadas. Um mundo se despedaça a cada bater de pernas. É preciso ainda sobreviver às horas. A vertigem me abandona repentinamente. Me recupero e penso em voltar ao museu. Encarar o Escaleno de Nadir com força e tenacidade como uma outra forma de existir. Metamorfosear-me num fio, talvez. Abdicar do corpo e da cor. Estou diante de um susto. Viver é um susto. Sou agora a corda atada entre o animal e o super-homem de Nietzsche e Luiz Melodia. Ainda observo as pessoas e todas elas carregam um fracasso ocidental. O ocidente nos ressoa. Nos violenta. E agora me sinto melhor. Mas já sinto saudade da vertigem. Porque é com ela que ouço os lamentos, o ranger de dentes e o assobio de um vento incerto. Levanto e volto ao museu. Preciso agora sempre me lembrar do que acabou de ocorrer. O reconhecimento de mim fugiu ao controle. Chorar é uma renovação do instante. Mas eu não choro diante da arte, porque penso que não mereço. O pranto é a consagração dos que se arriscam. Volto agora metamorfoseado em fios, a única forma que encontrei para me aproximar de Nadir. No terreiro o equilíbrio está na desmedida dos orixás. Digo isso em voz baixa enquanto me aproximo. Um corpo deitado em busca de si: eis a síntese dos que vivem. Como continuar depois de saber tudo que se sabe? Me pergunto diante de Nadir. Que corpo é esse em busca de um equilíbrio num mundo ruído? Reivindico aqui minha própria realidade. Ainda há uma catástrofe que ressoa em tudo que vejo. Não posso gostar do equilíbrio, a neutralidade é um castigo dos que abrem mão da vida. A vida não aceita muito o equilíbrio, porque ele é sempre provisório. Mais do que isso, o equilíbrio é uma ilusão. A vida represa acontecimentos. Nós somos o dique, Nadir, que rebenta e inunda tudo que vem pela frente. Volto a perguntar: como posso seguir depois de saber tudo que sei? A vingança da vida é nos forçar a seguir. Sem titubeios. Num equilíbrio insano entre uma linha atada a um corpo e a uma pedra. Que corpo é esse? Tenho eu o direito a mais essa pergunta? Ali o corpo estendido no chão me desperta uma alegria difícil. Desato nós obsoletos e de súbito recuo meus olhos até ser surpreendido por uma nova informação: A pedra é chave. Me desfio de fios e cordas. Mutação instantânea. Transformando-me na dureza daquilo que sustenta o peso de existir. A pedra é anterior à experiência da palavra. A pedra é a dona do tempo. Desconhece a aceleração e nos aproxima do instante da demora. A pedra é um tipo de presença natural e triste como são todas as coisas eternas. Aproximo-me um pouco mais de Nadir. Pressinto a vertigem, mas ela não vem. Sinto que estou perdendo algo importante quando tento compreender. Cada interpretação é uma pequena morte dos sentidos. Nadir é intraduzível. Às vezes penso em desistir de tudo. Deixar a pedra de Sísifo ao pé do Morro. Recusar-se a rolá-la novamente montanha acima. Insurgir-se contra os Deuses. A insubordinação é o meu refúgio. O ápice do desequilíbrio. Mas é arriscado igual a

tudo na vida. Meu desejo não é mais compreender, entretanto alguma coisa precisa ser feita, Nadir. O que uma pedra pode fazer diante de tudo que ela sabe? Que modos de viver ela influencia? Como ela resiste à própria resistência? É a eternidade que mata o tempo. Um dia, chegará o instante em que o equilíbrio não será mais importante. Pois não haverá polos nem pesos. Apenas o fio de um escaleno exaurido que atravessa a transparência, uma placa invisível que se interpõe entre o que existe para sempre e o que morre. Somos, Nadir, a parte mais fraca da arte. Por isso o equilíbrio não me interessa. E agora que sei disso, todos os escombros de mim fazem sentido. A inclinação do vidro é o resíduo da retidão. Eu sempre tive medo da queda, mas nunca do chão. Um dia, o chão será nossa única morada. E me deito, Nadir, ao seu lado, sem nenhuma corda atada a uma pedra, porque esse peso e essa pedra estão dentro de mim. O peso para quem vive é a normalidade. A dor não é uma exceção porque ela constitui a beleza, a arte e a verdade. Escute, Nadir: eu também tenho o direito aos meus infernos. Eu tenho direito à vertigem. Ainda que meu estômago doa. A falta me dá ânsias. A saudade é uma vontade de vomitar. O passeio do vazio dentro de mim me leva às últimas consequências. Como é possível tanto repouso diante desse mundo ruído, Nadir? Por muito tempo, eu achei que o meu caminho não era o pensamento. Um revés intelectual. Achava que meu caminho era apenas um dorso deitado à espera de um inverno, como se minha cabeça deitada no chão roçasse o abandono. Uma sensação diferente quando bato minha cabeça para o santo no terreiro, diferente, Nadir, porque ali há uma oração. Mas veja, ambos precisam da firmeza do chão. É no chão que se aprende o rumor do silêncio. Minha temeridade sempre foi o silêncio, meu grito é anterior ao pensamento. A imagem de Nadir e seu Escaleno me desabriga. Não faço turismo dentro mim. Levanta-me do chão. É preciso agora sair em definitivo deste museu. A vertigem me ronda novamente. Fechos os olhos. E agora posso ver um mar de fogo. E nele um barco afogado em seu próprio naufrágio. Preciso me fazer ao mar onde não há equilíbrio, onde não há chão. Um mergulho original de si para si. Abro os olhos. Tenho medo de onde posso chegar. Tenho medo de mim no futuro. Medo de onde essa geometria trágica entre fio, corpo, pedra e vidro podem me levar. Eu queria ignorar a lei da física. Fingir uma levitação. Desobedecer o equilíbrio e inventar minha própria lei. Flutuar para discordar da vida. Ganho a rua, atravesso a praça da Alfândega e, dessa vez, o Escaleno de Nadir não me acompanha, mas ressoa.



MESMO QUE JÁ CONHEÇA AS BARBAS DE DEUS

Davi Koteck

*Yesterday I talked with my father
He said that we could never win
It's so hard to tell where I end and my father begins*
Bill Callahan

1.

Mas não só isso, como também a vez em que disseram o quanto meu pai era parecido com o Charly García. Ele tinha os cabelos molhados e o bigode loiro com uma ponta escura, como se os pelos houvessem desbotado com o tempo. Era verão em Garopaba e fazia um calor vertiginoso, lembro de sentir as costas entrando em combustão. Quando eu era criança, meu pai sempre foi parecido com alguém que eu não conhecia: Fito Paez, Woody Allen, Mario Kempes, Camilo Cienfuegos. A cada verão surgia outro rosto.

2.

E quando juntos, e estávamos juntos nos verões e nos verões apenas, deitávamos nas dunas para contar as ondas. Contar o mar era um exercício subjetivo e humano, não matemático, porque nunca havia fim. Era isso o que ele dizia, com essas palavras, e eu fingia entender o que significavam, mesmo que agora eu perceba que aquele entendimento talvez já fosse o correto. No dia em que falaram do Charly García, ele riu como se acertassem e olhou no fundo, lá no fundo do mar.

3.

es larga la carretera / cuando uno mira atrás / vas cruzando las fronteras / sin darte cuenta quizás

4.

O carro do meu pai era uma grande caixa de metal que não tinha rádio, apenas um vão em que ele guardava os cigarros e um pacote de fósforos onde os rádios costumavam ficar no carro das outras pessoas. A caixa de fósforos sempre tinha mais palitos riscados do que vermelhos. Os bancos eram de tecido e soltavam um cheiro de mofo quando a gente voltava do mar. Meu pai cantou uma música em espanhol e disse que era do cara com quem tinham acabado de compará-lo. Lembro de uma sensação tímida de que ele inventou a música, mas isso foi contido por um pensamento: tudo existe se sai da boca do meu pai.

5.

O tempo só é o mesmo quando você não está aqui.

6.

Alguns anos depois vi meu pai na imagem de deus. A televisão estava ligada num desses canais que só existem porque alguém sentou no controle remoto, um pastor gritava com muita verdade por trás de um discurso quase odioso. E, projetado atrás dele, havia um homem com o cabelo grande e a barba como se fosse um Bombril que me encarava do mesmo jeito que meu pai me encarava.

7.

Não foram muitas, mas todas as vezes que fomos a Garopaba, quando chegava lá em casa, meu pai buzinava feito uma banda de quartel. Eu saía com um pouco de medo, que ia sumindo nos primeiros minutos de viagem. No caminho a gente comia pastel em beira de estrada tomando caldo de cana, pra misturar o doce e salgado na boca. O carro não ter rádio fazia com que ele me contasse algumas histórias enquanto dirigia. A que eu mais gostava começava com: “em Garopaba o céu azul é muito forte e não troveja quando o Cristo é colocado na cruz”. Sempre que falava Cristo, a língua dele se retorcia numa careta como quem quer dizer alguma coisa proibida.

8.

Hoje não sei com quem meu pai seria parecido. Não sei o que ele diria dos meus cabelos encostando o ombro, das pessoas que me param na beira da praia amarelada em Garopaba pra dizer com quem me pareço, mas nunca lembram no fim.

9.

Em Garopaba chove muito e o mar parece um liquidificador. Sento nas dunas e me dói as costas sentar ali, finjo que a areia é confortável para isso. Não tenho medo de raios, não acho que possa cair um em cima de mim. Ameaço uma contagem sobre as ondas, mas não sobra disciplina ou coragem ou atenção para essa tarefa. Não acho que o ambientalismo salvará o mundo. Não culpo o capitalismo ou a industrialização em massa pelas embalagens de picolé ou coca-cola, não importa, jogadas na beira da praia. Não acho que exista alguma outra vertigem do que percebermos, também, que somos apenas peixes se debatendo em um aquário seco.

10.

Quando você não está aqui, o tempo é o oceano tentando não virar sertão.

11.

Em uma das primeiras viagens que fizemos pra cá, a cidade era bem menor. Onde hoje é prédio, era mato. Restaurante, praia. Ficávamos na areia, na altura do que agora é uma pousada, até quase de noite, e, quando escurecia, meu pai contava histórias sobre a mitologia grega. Lembro de relacionar as ondas agitadas, as nuvens gordas e escuras, o vento dolorido de cada vez que chovia, com a aparição de um daqueles deuses, como se o mar virasse um redemoinho. Eu sentia uma injeção de medo parecida com a que sinto agora.

12.

No fim o mundo é que muda.

Eu continuo o mesmo.

13.

O fim é sempre o começo. E, se alguém atirasse das pedras mais altas de Santa Catarina uma aliança ao mar, ela retornaria algum dia para as mãos de outra pessoa? Qual é a força, quais os percursos internos, quais movimentos de correnteza que desembocariam no anel naufragado na areia? O mar é também uma resposta.

Mas não só isso, como o fato de que meu pai nunca usava nada nos dedos.

14.

Charly García se atirou do nono andar de um hotel pra fugir de um traficante, um cafetão ou uma puta, não importa, ninguém sabe o porquê, a queda nunca pede um motivo. Hoje sei que era março, no início dos anos 2000. Talvez fosse o primeiro dia de aula e a professora tenha pedido para escrever um relato sobre as férias. Talvez eu tenha escrito sobre meu pai. Sobre Garopaba. Sobre o idioma que só meu pai falava e que só eu entendia.

15.

A queda pode ser bem mais longa quando você não sabe o que encontrar no chão.

16.

Até hoje não entendo por que meu pai pulou. Se os pés deslizaram no musgo como uma criança tropeça em algum lugar proibido, se buscava alguma coisa que talvez, do topo das pedras, só ele enxergasse, ou se pulou no mar da mesma forma que às vezes dirigia de olhos fechados, que caminhava como um equilibrista no parapeito de uma ponte, que contava as ondas sem se perder nos números: porque podia, porque para ele tudo era possível.

17.

A minha queda foi por motivo diferente. As pedras que estou agora não deslizam, elas não têm musgo para escorregar. É noite. É quase noite e o mar tem a mesma cor dos olhos fechados, eu caí antes de pular.

18.

Se não sou eu em cima das pedras, é você.

19.

Mas não só isso, como também a água que me recebe áspera, o nado que é contado a passo e com intervalos a cada duas braçadas para respirar. Você mergulha de olhos abertos e tudo que percebe é a ardência nas retinas. No fundo do mar as ondas acabam, e agora nada nunca mais será infinito. Perco a força e a consciência e, por alguns segundos, me afogo, mas logo subo de novo, e parece pertinente que isso aconteça mais uma vez, então penso que eterno mesmo é pai.



RANHURAS NO CONCRETO

Taiasmin Ohnmacht

A casa está na penumbra. Gosto da palavra: pe-num-bra, pouco usada, antiga, tão antiga quanto usar chambre. Quem sabe o que é chambre? Eu me sinto um museu ambulante. Se fosse itinerante, carregaria comigo o charme do circo, ainda que um circo sem qualquer atração. No entanto, sou mesmo é errante, entre paredes e sombras.

A inutilidade se avoluma em mim; penhoar, tailleur, chambre, quem sabe o que são? E quem quer saber?

Caí em desuso.

Escuto os movimentos dos vizinhos, as notícias nos jornais, as queixas no mercado, as conversas dos motoristas de táxi, e percebo o desafio de encontrar surpresa na vida. Meus sentidos em eterno *déjà vu*; as bandeiras, as marchas, o sofrimento, as esperanças, as apostas. Um pouco mais do mesmo é o mesmo, pouco importam as roupas, os cabelos ou as gírias.

Pouco importa que o apartamento de baixo seja barulhento e que se confirme habitado com uma risada feminina alta e nítida, a laje entre andares é concreto entre diferentes dimensões. O que escuto é o som de um mundo distante, não há como acessá-lo, e a alegria vizinha não provoca rupturas em minhas paredes.

A penumbra é breve, e logo preciso acender a luz da sala. E se não acendesse? Alguém que passasse na rua estranharia as janelas escuras do apartamento do terceiro andar? Alguém acreditaria que há uma pessoa que pensa, respira e lembra? Ou concluiria que o apartamento está vazio? Se ninguém sabe que estou aqui, a luz elétrica é o meu sinal de vida?

Acendo a luz e ligo a TV, não assisto, mas é preciso simular vida na casa. Qual foi a última novela que assisti? Assisti? Assistia minha mãe partindo e fingia me interessar pelo drama dos personagens na esperança de que ela esquecesse estar em um quarto de hospital. Ela não dizia nada, ficou meses sem falar, até o fim. Abria os olhos quando ligávamos a TV e fechava quando desligávamos. Até que um dia nem o som do aparelho, nem o movimento de suas imagens coloridas foram capazes de a animar.

Sinto saudade da voz dela. Já sentia antes de sua morte, havia desprezo em sua voz, mas ainda assim era uma voz. Olho o celular, são muitos os avisos em tela, nenhum pessoal, os aparelhos também emudecem. Os de minha mãe emudeceram

em um som único e contínuo, sinal inequívoco de que ela não estava mais ali, pois a vida precisa de modulação.

Vivi em um ritmo marcado por um corpo que não era o meu; horários de remédios, de refeições, de higiene. Pensei que algum dia recuperaria o interesse pela vida, minha vida, mas parece que perdi o compasso, o mundo passou, e eu estou em um lugar em suspenso, em algum espaço entre.

Deito-me no sofá esperando a madrugada. A TV garante o barulho da casa enquanto olho para as cortinas. Se estivesse esperando por uma visita, as perceberia encardidas; para consumo exclusivo de meu olhar, elas são inúteis, poderiam cair de podres, mas não caem, e arrancá-las seria o mesmo trabalho de me importar com elas.

Por que não vai deitar na cama? Sugestão frequente de minha mãe enquanto estive viva, agora apenas uma voz em minha cabeça. O meu corpo dói, mas não dói mais no sofá do que na cama, e essa pergunta cultivada para ser um dispositivo de ação retardada é boa o suficiente para acionar a minha revolta e me fazer considerar deitar no chão, no piso do banheiro ou da cozinha. Tanto faz.

Tem o quarto dela, ainda dela. Mantenho a porta fechada para não pensar que algo seu ainda vive ali; mas não desfaço o quarto pois não saberia viver sem o último resquício de quem ela foi um dia. Pensei que, após sua partida, eu encontraria a paz de ser outra, de me movimentar diferente no mundo, de enfim viver sem o peso de seu olhar e de suas palavras, mas me percebo vazia, a raiva ainda é melhor do que o nada.

Acordo com dor, muita dor. Dor intensa que move meu corpo. Vou à cozinha, nada. Esqueci do básico da vida; o meu corpo, não. O relógio mede a madrugada.

Preciso sair, vou reencontrando o mundo quando movimento as engrenagens do elevador e ando poucos metros até o posto de gasolina, atravessando uma avenida de luzes e sombras, umidade e frio. Gosto da noite porque ela não engana, não se propõe a ser mais do que escura e solitária.

A loja de conveniência está fechada, sei disso antes mesmo de sair de casa — não é a primeira vez — e sei também que os frentistas me deixarão usar a máquina de café na penumbra da loja, e que poderei pegar um pão de queijo frio no balcão de salgados, se houver algum.

Tranquilo o meu corpo observando a conversa deles. São dois e são educados, mas nunca me disseram seus nomes, tampouco sabem o meu, me chamam de Dona. Mantenho-me quieta, estou faminta e atenta às vozes, o silêncio desenha a ausência, e eles conversam como se estivessem sós, permitindo-me escutar um pouco de suas palavras. Alimento-me de migalhas. Protejo meu corpo do vento gelado em uma reentrância do estabelecimento. Quando sinto frio, sei que é hora de partir. Observo o corpo de um deles, talvez pudesse convidá-lo para ir a minha casa, mas então não seria mais eu, nem a minha casa. Tem caminhos que já esqueci.

Chove. Três dias de chuva.

A água é abundante. A-bun-dan-te. O que tem de bunda nessa palavra? Lembro de minha mãe muito magra rindo da minha bunda grande. Apesar da raiva, gosto da palavra bunda. Está maior agora, mamãe. Penso a ouvir gargalhando, contudo não aguento mais o barulho, a água bate forte na janela da sala.

Percebo que não me interesso mais por palavras novas. As antigas ainda não foram ditas, tantas palavras redondas, redundantes, oscilantes. Gosto das sílabas com som alongado, elas deixam as palavras sensuais. Minha mãe me chamaria de ridícula ou de louca, daria as costas e se concentraria em alguma outra coisa, mas pelo menos ela conhecia as mesmas palavras que eu, palavras que, após sua partida, sustento sozinha. E me dou conta de que solidão é isso: ter palavras que não tenho a quem endereçar.

Tenho 55 anos e tudo o que digo ainda é minha mãe.

Digo o que ficou por dizer, encontro novidade em palavras passadas, passaram sem que alguém as escutasse. Agora minha voz é inútil, os móveis do apartamento me entregam um silêncio zombeteiro. A chuva é mais honesta, ela acontece.

Acordo em queda, espatifo no chão. A queda do sonho é maior do que a queda real, caio do sofá, e ele é baixo. Olho o relógio: Cinco horas. A fome da madrugada chegou ao amanhecer.

Chamo o elevador e as engrenagens respondem prontamente, subindo com um barulho de profundo esforço. As portas se abrem e há uma mulher lá dentro que me desconcerta. Hesito em entrar.

— Você me capturou, também estou descendo — ela fala rindo, compreende minha hesitação.

Na breve descida, faz algum comentário, alguma bobagem a qual não consigo responder, não saberia com que palavras. Algo insiste no meu pensamento: ela é a vizinha do outro mundo? Ela é a dona das risadas?

A rua já se movimenta, molhada e suja, pessoas e veículos com cara de cotidiano mal dormido passam por mim, e eu sigo absorta tentando encaixar o som alegre do andar de baixo à visão dos lábios da mulher. O posto de gasolina neste horário não é a única escolha. Passo pelos frentistas e eles me cumprimentam com um sorriso, não me olham mais do que olhariam para qualquer conhecido, o desejo é apenas meu, mas é um desejo cansado, nem sei bem o que é.

Já foram tantas mãos, corpos, tantos paus tortos ou não que passam em série em minhas lembranças sem nenhuma diferença, os passados e os futuros justificam o vazio do presente.

Falta um n na palavra foda e o n da palavra transa não a deixa lasciva. Eu me sinto molhada e não é da chuva, mas homens são sempre os mesmos, em toques e movimentos, estou cansada do coito como de tudo mais.

Neste momento acharia bom comer um que não dissesse nada, nem o seu nome, talvez me deparasse com um movimento imprevisto, com um arfar inédito, com um olhar incompreensível. Mas entro na padaria recém-aberta e me contento com o calor de um cacetinho.

São muitas as fomes, e a madrugada não se contenta mais com um pão de queijo frio e um café ruim. Tenho medo de que um dia o cansaço se estenda para o sabor das coisas. Quantas vezes ainda terei que acordar de algum sonho esquecido com o corpo dolorido de uma fome que ainda não tem nome?

Percebo-me mais próxima ao chão, o andar de baixo tem música, busco compreender os acordes, tento encontrar familiaridade no som que escuto, mas não passa de uma confusão misturada a vozes e pessoas em movimento. Não me encontro mais tão só, estranho o quanto tenho escutado mais alto os ruídos vizinhos. Às vezes acordo assustada, preciso me levantar e me certificar de que o barulho não vem do quarto de minha mãe. Ela comandava todo o apartamento de sua cama, mas o quarto segue mudo, e, da diversão que escuto do segundo andar, a minha mãe nunca foi capaz.

Sigo sem ritmo para minha vida e um pouco irritada por não poder deixar de escutar os ritmos alheios, sinto-me convocada a uma espécie de voyeurismo que me entra pelos ouvidos e ocupa minha atenção. E tem a risada, a gargalhada, imagino a boca curvada, os dentes, a cabeça que pende para trás, o riso que movimenta todo o corpo.

Chove, e a força da água que cai cala a vizinhança, interfere em minha escuta, corta o sinal com os vivos, entretanto também estou viva, e se o vazio vai tomar conta de todos os meus apetites, ainda não calou minha necessidade mais básica, meu corpo dói, preciso sair para buscar alimento.

Chamo o elevador com a expectativa de que o abrir de portas irá repetir a presença da mulher, então poderei ver seus lábios, estudar suas formas, abastecer minha imaginação para o que escuto, mas ele chega vazio.

O mercado é o mesmo de sempre, com sua agitação burlesca. Não consigo interpretar esse papel, ainda assim, pego mais do que preciso e volto equilibrando duas sacolas e um guarda-chuva, procurando o abrigo de uma árvore frondosa para me ajeitar.

— Eu posso te ajudar.

Reconheço a voz, é ela.

— Quer uma carona? Ou prefere ficar embaixo desta árvore esperando a chuva passar?

O sorriso, não uma gargalhada, apenas um sorriso afetuoso e um olhar atento, desta vez eu é que sou capturada pelo desenho dos lábios, pela pele escura, pelos dentes perfeitos. Ela interpreta o meu silêncio como um estranhamento, e de certa forma é, mas não do tipo que imagina

— Sou sua vizinha de baixo, nos encontramos no elevador outro dia.

O outro mundo se avizinha e o meu nome é um lugar vazio, eu vazo, transbordo e escoo. Olho para ela sem saber o que dizer. Falo que não preciso e sigo o dia? Prosseguirei com o hábito de observar as horas escorrerem pelo meu corpo?

Saímos andando juntas, eu levo as sacolas e ela nos protege da chuva.

— Acho que não nos apresentamos, me chamo Amanda.

Olho para Amanda, de repente sou alguém e ela é alguém e está muito próxima de mim. Antes só a escutava, agora sinto o calor de seu corpo e seu hálito. Um vento cortante carrega as gotas em diagonal, chegamos muito molhadas ao edifício.

Enquanto tento tirar o excesso de água de minhas roupas, comento:

— Sair para a rua com um tempo desses é uma façanha.

— Façanha — ela repete —, há muito tempo não escutava essa palavra.

Em seguida me convida para conhecer um outro mundo.

Eu sorrio, ela sorri, e o seu sorriso é esperado e pro-vo-can-te.



O FORASTEIRO

José Falero

|

Com sua volumosa juba de algodão e suas incontáveis rugas, sem faltar nenhuma, ali estava o bom e velho Egris em pé, atrás do balcão, avaliando atentamente seu leque de cartas. Não sabia qual delas descartar, e pressa alguma o assaltava enquanto tentava se decidir. Drósio, seu oponente no jogo, terminou por impacientar-se.

— Ora, Egris, vamos lá!

Mas o velhinho não se abalou.

— Saiba você que paciência é uma grande virtude, Drósio, meu caro — limitou-se a comentar, erguendo as sobranceiras brancas e bagunçadas com ar de quem sabe das coisas.

— É. Meu finado pai, que as deusas o tenham, costumava dizer o mesmo — suspirou Drósio, enfasiado. — Penso, porém, que não devo ter herdado esse atributo.

— É justamente por isso que eu gostava mais de jogar com seu pai, se quer mesmo saber.

O palco do jogo era o Ginete Manco, bar de Egris, achado lá nos confins da cidade de Babel, próximo ao farol, precisamente onde as casas começavam a rarear e as ruas tomavam ares de estrada. Única atração noturna num raio de sabia-se lá quantas luas, não raro apresentava-se mais cheio do que se poderia esperar em bandas tão ermas. Naquela noite fria e chuvosa, por exemplo, além de Drósio e Egris jogando cartas ao balcão, pelo menos outras quatro dúzias de pessoas tinham preferido o estabelecimento ao recôndito do lar. Os candeeiros a óleo que iluminavam o lugar eram poucos e estavam mal distribuídos, de tal modo que, em alguns cantos, as mesas e aqueles a elas sentados pareciam se diluir nas sombras.

— Ah, preferia jogar cartas com meu pai, hein? — sorriu Drósio. — Claro, ele não era bom jogador. Você se aproveitava do coitado.

Cabia a Drósio, e não a outro, a qualidade de cliente mais fiel do Ginete Manco. Sua figura já havia até se tornado parte intrínseca do estabelecimento.

Vê-lo ali, bebendo e jogando cartas com o bom e velho Egris, não era mais natural que encontrar as deusas no céu e os diabos no inferno. Como de hábito, consumia mansamente uma caneca de sangue-azul; empinava-a de tempos em tempos, sempre fazendo uma careta após sorver o conteúdo, à maneira de quem traga chumbo derretido. Homem de meia idade, dono de farto bigode negro e olhos miudinhos, era ademais um tanto rechonchudo; sentado num dos banquinhos de ferro fixados ao balcão, não podia evitar que suas nádegas sobrassem para fora do assento redondo. E, como não possuía pescoço algum, Egris às vezes tomava a liberdade de chamá-lo Boneco de Neve.

— De fato, seu finado pai não tinha lá grandes intimidades com o baralho, Boneco de Neve. Mas não se iluda. A bem da verdade, nunca me aproveitei dele mais do que hoje me aproveito de você.

Assim brincando, o dono do bar finalmente descartou um rei de paus.

||

No mesmo instante, bateram à porta do Ginete Manco.

— Entre! — convidou Egris.

A porta se abriu muito devagar, produzindo um rangido prolongado e desagradável. Drósio e Egris olharam para ver quem era, e foi aí que tomaram um susto de morte. Ambos sentiram gelar as entranhas, ambos arregalaram os olhos, ambos escancararam a boca sem emitir som algum, acometidos de silencioso ataque cardíaco, ou assim se poderia jurar.

É que havia uma figura deveras medonha e agourenta à entrada do bar: um homem gigantesco, todo vestido de preto. Tinha aberto um pouco a porta e inclusive segurava na maçaneta, mas se mantinha parado do lado de fora e, sendo incrivelmente maior do que a passagem, era apenas encurvado, conforme estava, que podia enfiar a cabeça pelo vão para espiar o interior do estabelecimento, conforme fazia. Usava capuz, o que somado à parca iluminação do bar impossibilitava a visão de seu rosto, e trazia ainda à cintura uma espada enorme metida em bainha surrada.

— Bebida — disse de repente, a voz grave, estranha, horripilante. — Bebida para esquentar um forasteiro cansado.

Um silêncio implacável foi se espalhando pelo bar. As conversações às mesas se interromperam uma a uma sob efeito dominó até que só restou o inadvertido som da lenha crepitando na lareira. Logo todos os olhos estavam cravados no recém-chegado, que mantinha-se estacado à porta aberta, sua silhueta encurvada confundindo-se com a escuridão, sendo fustigada pela chuva fininha que o vento forte agitava em todas as direções.

Egris achou por bem dizer qualquer coisa.

— Ora, q-q-queira entrar, cavalheiro... — gaguejou, tentando até sorrir. — Vamos, entre, p-p-por favor...

O forasteiro passou para dentro e fechou a porta. Estava completamente encharcado, e a água que lhe vertia das roupas espalhava-se profusa pelo chão. Egris esperava que ele se aproximasse do balcão, mas isso não aconteceu; o gigante manteve-se parado com as costas junto à porta, movendo a cabeça encapuzada vagarosamente de um lado para o outro, encarando um a um todos aqueles rostos a ele voltados, como se esperasse que algum lhe fosse familiar. Após uns bons segundos de silêncio, Egris conseguiu perguntar:

— Bem, o q-q-que deseja beber?

— Quero a bebida mais barata da casa — foi a resposta.

— Certo... Ahn... Escolha uma mesa qualquer, cavalheiro. Um minuto, e j-j-já lhe sirvo.

Sem a menor pressa, o forasteiro carregou toda sua corpulência para longe dos olhares espantados que o perseguiam, dirigindo-se para o canto mais escuro e solitário do bar, onde havia algumas mesas vazias. Parou junto a uma delas e contemplou por um momento as cadeiras que a circundavam, decerto duvidando que qualquer uma pudesse aguentar-lhe o peso. Então, observado atentamente por todos como um mágico prestes a realizar incrível truque, afastou as cadeiras e empurrou a mesa para junto da parede; sentou-se, por fim, em cima dela, usando a parede como encosto, e acomodou-se com visível prazer, soltando um suspiro possante.

III

Egris logo surgiu diante do homenzarrão, trazendo uma caneca de meio litro. Era difícil imaginar que meio litro de qualquer coisa pudesse proporcionar alguma satisfação, por menor que fosse, a tamanha figura; o forasteiro certamente podia secar aquela caneca com um único e rápido gole se assim desejasse.

— Eis a bebida mais barata da casa, cavalheiro — anunciou o velhinho. — São apenas três moedas de bronze...

Depois de receber o devido da enorme mão enluvada, o dono do bar voltou para trás do balcão para retomar o carteado com Drósio.

A essa altura, os clientes já tinham voltado a conversar, produzindo um tímido burburinho. E não podia ser mais evidente que todos falavam do recém-chegado, para o total incômodo de Egris. Por alguma razão, muitas ideias macabras começaram a brotar na mente do velhinho, e uma delas era justamente a de que o forasteiro podia se cansar de tantos olhares e de tantos cochichos, sacar a espada e esquartejar todo o mundo. Simplesmente incapaz de imaginar qualquer

boa intenção na mente daquela criatura, o dono do bar sentia-se ameaçado por insondável perigo e tudo o que queria era que o sujeito terminasse logo de beber e fosse embora.

— Sabe, meu velho — comentou um Drósio todo sorridente e aliviado —, quando esse grandalhão apareceu, eu podia jurar que iria saquear o bar. Felizmente, eu estava enganado.

A possibilidade de que o forasteiro talvez fosse um saqueador também tinha ocorrido a Egris; ao contrário de Drósio, porém, o velhinho, conforme já se viu, não precipitava-se a descartes, e assim ruminava ainda a desagradável ideia.

— Ora, e por que razão pensa diferente agora? — perguntou. — Quero dizer: o que o faz pensar que o sujeito não deseja realmente saquear o bar? — Não tratava-se de desafio. Estava sinceramente desejoso de compreender o amigo para poder compartilhar de seu alívio.

— Bem, não sei... — começou Drósio. — Acho que, se ele quisesse mesmo saquear o bar, já estaria a fazê-lo neste instante, não lhe parece? Em vez disso, pediu uma bebida e acomodou-se num canto. Creio que seja apenas um homem querendo beber. Um homem assustadoramente grande, é bem verdade, mas nada além disso.

Egris achou difícil concordar. Contudo, preferiu não dizer nada. Apenas olhou para o canto mais escuro do bar, onde estava aboletado o forasteiro, e depois tentou se concentrar em seu leque de cartas. Era sua vez de jogar.

IV

— Ah, bati de novo! — comemorou Drósio, colocando suas cartas sobre o balcão para que Egris pudesse ver. — O que está acontecendo com você hoje, meu velho? Hein? Já estou meio bêbado, e nem mesmo assim você consegue me vencer!

Egris suspirou longamente. Depois de conferir o jogo apresentado por Drósio, juntou as cartas todas e se pôs a embaralhá-las com habilidade. Enquanto as mãos trabalhavam, olhou como quem não quer nada para o canto mais escuro do bar. E lá estava o forasteiro, um grande vulto quase indistinguível nas sombras, sentado em cima da mesa, recostado confortavelmente na parede, as mãos entrelaçadas sobre a barriga. Já fazia cerca de uma hora que o gigante chegara, e Egris, que durante todo esse tempo estivera com um olho nas cartas e o outro no sujeito, não lembrava-se de tê-lo visto tocar em sua bebida. Na verdade, não lembrava-se de tê-lo visto sequer mover-se minimamente.

— Estará dormindo? — resolveu perguntar a Drósio, indicando o forasteiro com um gesto de cabeça.

Drósio, que estava de costas para o gigante, olhou para trás, por cima do ombro.

— Não sei — respondeu com indiferença. — Não dá para ver o rosto dele.

— Não tocou na bebida... — murmurou Egris, em tom reflexivo. — Acho que nem mesmo se mexeu desde que ali acomodou-se.

— Bem, então deve estar mesmo dormindo.

— Pode ser. Mas eu gostaria de ter certeza.

Drósio ficou intrigado.

— Por que está preocupado com isso?

O velhinho deu de ombros.

— Não sei. Me ocorreu que ele talvez não esteja dormindo, mas sim esperando alguns clientes irem embora para, então, saquear meu bar. Haveria menos testemunhas...

— Ah, você ainda está com essa ideia na cabeça! Esqueça isso, meu velho. Já disse: é apenas um homem querendo beber.

— Bem, e por que não bebe, então?

— Ora, como é que vou saber? Vamos, esqueça isso e concentre-se no jogo. Se não daqui a pouco vai dizer que está perdendo porque está preocupado com o grandalhão.

— Se o dissesse, não seria mentira.

— Ah, eu sabia!

— Pois estou falando sério. Como posso jogar direito com aquela enorme criatura bem ali, talvez dormindo, talvez tramando as piores coisas?

— E por que não vai lá ver se ele está dormindo ou não?

— Ele poderia irritar-se por eu lhe dar tanta atenção, não é óbvio?

— Nesse caso, deixe que vou lá ver e já volto aqui para lhe contar.

Com um largo sorriso, Drósio fez menção de pôr-se de pé, mas deteve-se quando Egris, inclinando-se por cima do balcão, lhe pôs a mão no ombro e disse, sobressaltado e imperioso:

— Não, seu maluco! Fique sentado bem aí!

A preocupação do velhinho com o forasteiro era genuína, mas o gordo bigodudo fazia pouco caso dela. Na verdade, Drósio estava até achando o comportamento do amigo um tanto esquisito. Claro, ele próprio se assustara com o forasteiro ao vê-lo chegar, afinal tratava-se de uma figura deveras espantosa, porém não via motivo nenhum para ficar permanentemente incomodado com a presença do gigante, como se o sujeito fosse uma besta-fera selvagem.

— Meu velho, por que a presença desse homem o perturba tanto?

— Para ser franco, não sei — disse Egris gravemente. — O fato é que estou

com um mau pressentimento desde que esse sujeito pôs os pés aqui dentro. Talvez seja uma bobagem — ponderou por fim, inclinando a cabeça.

V

Passados instantes, em nova demora de Egris para descartar, Drósio olhou ao redor.

— Muitos de seus clientes estão sentados no escuro, mal se enxerga alguns deles — comentou. — E é uma grande indelicadeza de sua parte permitir que seus clientes fiquem sentados no escuro, já lhe falei isso uma porção de vezes. Infelizmente, parece que tudo quanto digo lhe entra pelos ouvidos e sai pelas narinas, não é assim?

— Pois eu também já lhe disse uma porção de vezes, Drósio, que óleo custa dinheiro. Não é em favor de meu belo sorriso nem em respeito a meu cabelo branco que o mercador o fornece a mim. Não posso me dar ao luxo de pôr um candeeiro aceso em cada mesa, homem.

— Mas será que não pode, pelo menos, acender mais um candeeiro? Apenas mais um. Duvido que isso o conduza à falência.

— Onde quer chegar, afinal?

Drósio ajeitou o traseiro no banquinho e inclinou-se um pouco para a frente.

— O que acha de pôr um candeeiro lá no canto onde está o forasteiro? — perguntou, apontando para trás com o polegar. — Ora, faça-lhe essa gentileza, meu velho. Encare como um esforço para fidelizar o cliente. Então, perto do sujeito e à luz do candeeiro, certamente conseguirá ver se ele está dormindo ou não.

Egris sorriu largamente.

— Sim, essa é uma bela ideia! — Largou as cartas em cima do balcão. — Espere um momento, eu já volto — disse empolgado, fazendo meia-volta e saindo com pressa.

Cruzou a passagem que comunicava o bar propriamente dito ao compartimento contíguo, o qual era uma mistura de cozinha e estoque, e achou-se imediatamente imerso em profunda escuridão. Ali, a luz era bem mais escassa: havia tão-somente uma vela ardendo solitária sobre uma mesinha, e sua luz tênue e bruxuleante expunha pouquíssima coisa aos olhos. Via-se garrafas de formas, cores e tamanhos diversos, algumas ainda bastante cheias, outras já praticamente vazias. Também dava para ver a pia entulhada de canecas sujas e alguns utensílios pendurados na parede, mas era impossível enxergar as caixas de madeira, os armários e os barris que disputavam espaço lá no fundo do compartimento, onde a luz da vela não alcançava.

Guiado muito mais pelo tato do que pela visão, Egris foi até os armários invisíveis, catou rapidamente uma caixa de palitos de fósforo e um candeeiro e voltou para o bar. Ao contornar o balcão para ir até o forasteiro, piscou para Drósio e lhe repetiu:

— Eu já volto.

VI

O enorme capuz que cobria a cabeça do forasteiro, mais parecendo uma caverna, dava toda a impressão de abrigar apenas sombras e nada mais. E Egris fantasiou, no interior daquele capuz, um par de olhos diabólicos vendo-o se aproximar. Estava na metade do caminho quando pensou em fazer meia-volta e retornar para a segurança detrás do balcão. Mas foi justamente a percepção da própria sugestionabilidade que fê-lo engolir o medo e seguir em diante. Afinal, pensou, tinha medo de quê? De um par de olhos pintados por sua própria imaginação? Drósio tinha razão: o forasteiro devia ser mesmo apenas um homem querendo beber e talvez tivesse pego no sono por estar muito cansado. Aliás... “Bebida para esquentar um forasteiro cansado”, não fora exatamente isso o que o sujeito dissera ao chegar? Talvez o coitado fosse daquelas criaturas acostumadas a percorrer grandes distâncias a pé e estivesse encarando longa jornada; se assim fosse, somente as deusas poderiam saber o quanto tinha caminhado antes de encontrar o Ginete Manco e poder, enfim, parar para descansar um pouco.

Uma vez junto ao forasteiro, naquele canto particularmente escuro do bar, a primeira coisa que Egris fez foi lançar os olhos na caneca de meio litro que servira ao sujeito. Conforme já suspeitava, ainda estava completamente cheia; o gigante realmente não havia tocado na bebida. Sorrindo e balançando a cabeça, o velhinho já não via nenhuma periculosidade na enorme criatura bem a sua frente, sentada em cima da mesa, recostada confortavelmente na parede e com as mãos entrelaçadas sobre a barriga. Até sentia nascer dentro de si uma pontinha de vergonha pelo mau pressentimento aparentemente infundado que o forasteiro lhe inspirara. Porém, quando foi acender o candeeiro que trouxera consigo, acabou deixando a caixa de palitos de fósforo cair, e os palitos espalharam-se todos pelo chão.

— Diabos me levem! — resmungou, e ao mesmo tempo teve a nítida e desagradável impressão de que o forasteiro deixou escapar um risinho debochado. Prontamente olhou para o gigante, sentindo subir-lhe de volta pela garganta todo o medo que tinha acabado de engolir. Assustado, decidiu chamar:

— Cavalheiro?

— ...

— Cavalheiro, por acaso está acordado?

— ...

— Cavaleiro?

— ...

O coração de Egris batia cada vez mais violento, parecendo querer arrombar o peito e saltar para fora. O velhinho olhava fixamente para o ponto onde devia estar a cabeça do forasteiro, mas nada via, apesar da proximidade. Realmente parecia não haver nada além de escuridão no interior daquele enorme capuz.

Apressado e desajeitado, o dono do bar girou nos calcanhares e voltou para trás do balcão, prometendo a si mesmo que jamais chegaria tão perto daquele gigante novamente enquanto vivesse.

VII

— O que aconteceu, Egris? Você está bem? — perguntou Drósio ao perceber o dono do bar completamente pálido e trêmulo.

O velhinho explicou o que tinha acontecido, e o gordo bigodudo acabou achando graça.

— Ora, mas o que é isso, meu velho? — disse rindo. — Você nunca foi de se assustar facilmente! Já chega dessa história. De uma vez por todas, esqueça esse forasteiro. É só um pobre-diabo que está podre de cansado e acabou pegando no sono. Vamos continuar o nosso jogo, certo? Antes, porém, pode me servir outra caneca de sangue-azul?

E assim o carteadado ao balcão prosseguiu, com um Drósio cada vez mais bêbado e um Egris cada vez mais preocupado. O velhinho, a essa altura, já pensava numa forma de estar preparado para o que o forasteiro viesse a fazer de ruim, fosse lá o que fosse; seu mau pressentimento inicial, momentaneamente afastado do espírito por força de vontade consciente, tinha sido resgatado pelo medo e fortalecido pela imaginação, transformado-se na certeza absoluta de que aquela noite não terminaria bem. No entanto, ele achava que seria inútil compartilhar seus pensamentos com Drósio, de modo que seguia jogando em silêncio, um olho nas cartas, o outro no gigante.

Dali a pouco, fez-se ouvir um som repetitivo vindo da rua: “tchac-tchac”, “tchac-tchac”, “tchac-tchac”. Era um ruído metálico, como se um pote cheio de moedas fosse chacoalhado a intervalos regulares. Cessou à porta, e então batidas soaram.

— Entre! — convidou Egris.

A porta se abriu, e um homem pingando água passou para dentro. Usava um uniforme vermelho e, por cima, uma imponente armadura prateada, cujas peças se entrechocavam a cada passo que ele dava, produzindo aquele ruído metálico.

A armadura não era menos do que belíssima. O elmo tinha um par de chifres altos e retorcidos e uma abertura em arco na frente, dividida ao meio pela haste obtusa que protegia o nariz. Os espaldares eram grandes e bojudos, e as manoplas, cobertas de pequenos espinhos, continham cotoveleiras articuladas; o peitoral e o dorsal eram compostos de placas curtas, dispostas em camadas, uma surgindo por baixo da outra. O coxote protegia apenas as nádegas e o flanco das coxas, sem cobrir a região pubiana; por baixo dele, contudo, havia uma saia de cota de malha. E assim como as manoplas possuíam cotoveleiras articuladas, as grevas possuíam joelheiras; os escarpes, contudo, eram peças independentes.

De um lado da cintura do homem havia duas bolsas de couro pequenas; do outro lado, um punhal e uma espada, metidos em bainhas ornamentadas. No centro do grosso cinturão havia um medalhão prateado com um par de leões representados em alto-relevo, um de costas para o outro, e uma inscrição arqueada os encimava: “Polícia de Babel”.

O soldado sorria. E, além dos dentes impecavelmente brancos, ostentava também um cavanhaque bem aparado.

— Brrrr, que frio que está lá fora! — comentou, tirando o elmo e revelando uma farta cabeleira verde e uma horrível cicatriz de queimadura na face esquerda.

— Pelo amor das deusas, preciso de uma caneca de catamênio-de-sereia urgentemente!

— É para já, cavalheiro — disse Egris, sorrindo e fazendo uma mesura respeitosa. — Queira sentar-se, por favor; escolha uma mesa de seu agrado. Um minuto, e já lhe sirvo.

O soldado já se punha na ponta dos pés e esticava o pescoço, à procura de uma mesa, e ficou feliz ao perceber que havia uma vaga perto da lareira.

— Vou me sentar lá — informou, indicando o lugar com o queixo.

— Bem, enquanto você serve a bebida do soldado — disse Drósio, levantando-se —, vou ao banheiro.

VIII

Egris foi até a escuridão do estoque-cozinha; voltou um minuto depois trazendo uma caneca de meio litro de catamênio-de-sereia. Era uma bebida espessa e vermelha e cheirava a um misto de maçã e cereja. Ele contornou o balcão e serpenteou rapidamente por entre as mesas, dirigindo-se para onde o policial esperava sentado, junto à lareira. Movia-se com surpreendente agilidade para um homem de sua idade, e deduzia-se facilmente que não devia ser ele próprio o cavaleiro perneta que inspirara o nome do estabelecimento.

— Eis seu catamênio-de-sereia, cavalheiro — anunciou o velhinho.

— Ah, uma dose de alegria! — suspirou o policial, esfregando os olhos com a palma das mãos num gesto de cansaço.

— Noite difícil? — arriscou Egris, puxando assunto.

— Acho que “longa” talvez seja um termo mais apropriado — respondeu o soldado, bebericando em seguida o catamênio-de-sereia.

— Devo dizer que já nem me lembro mais da última vez em que um policial apareceu em meu humilde bar... O subúrbio e a farda não combinam muito, eu acho...

— Com todo o respeito às suas redondezas, senhor, duvido que qualquer coisa combine minimamente com este fim de mundo. A bem da verdade, preferia não estar aqui.

— Sim, compreendo... Contudo me pergunto o que lhe terá tirado a oportunidade de apresentar-se alhures.

O policial deu de ombros.

— Boatos, e nada além disso.

Egris ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— Boatos?

— Sim. A história é a seguinte: alguns meses atrás, numa cidade mais de cem luas a oeste daqui, um homem foi assassinado. Houve testemunhas que descreveram o assassino, mas a polícia do lugar nunca conseguiu capturá-lo. Tempos depois, em outra cidade, mas essa apenas vinte luas a oeste daqui, aconteceu outro assassinato. Novamente houve testemunhas que também descreveram o assassino, e a descrição mostrou-se idêntica à que já havia sido feita pelas testemunhas do crime anterior... Enfim: um suposto indicativo de que o mesmo homem era responsável por ambos os assassinatos, sabe. Nessa segunda localidade, porém, três policiais conseguiram encontrar o meliante...

— Poxa, ainda bem! — interrompeu Egris com um sorriso.

— O senhor acha? — indagou sombriamente o policial, erguendo uma sobrancelha. — Pois saiba que o trio acabou morto também — informou, ao que o dono do bar prontamente guardou os dentes. — O que mais me impressiona é que, segundo as testemunhas desse terceiro incidente, houve combate, e não obstante os três policiais terem lutado simultaneamente contra o sujeito, foram derrotados com facilidade. — Fez uma pausa para bebericar o catamênio-de-sereia. Depois prosseguiu: — Essa história toda foi trazida para cá pelos comerciantes que vêm do oeste comprar carvão em Babel. E logo começou a aparecer gente dizendo que viu um homem com a descrição do assassino por estas bandas... Boatos, conforme lhe disse. Mas, enfim, o que posso fazer, não é mesmo? Apenas obedeço ordens. E minhas ordens são para perambular por estas malditas redondezas até amanhecer. Então, cá estou. Ou melhor: cá estamos. Além de mim, há mais uns cinquenta

soldados na região; tudo está sob vigilância, desde a carvoaria até as montanhas. O tenente quer que tenhamos atenção especial com os bares, mas parece não existirem muitos bares por aqui, não é mesmo?

— Por que essa atenção especial com os bares?

— Ah, sim, esqueci de mencionar esse detalhe. Tirando os policiais que tentaram capturar o sujeito e acabaram mortos, os outros dois homens que ele assassinou eram proprietários de bar. Inclusive, foram mortos em seus respectivos estabelecimentos... Mas não se preocupe — apressou-se a acrescentar o policial —, pois realmente não acredito que ele esteja por aqui. Insisto em dizer que, para mim, são meros boatos.

— Bem, confesso que isso me deixa um tanto aliviado...

— Na verdade, acho pouco provável que esse sujeito sequer exista, se o senhor quer mesmo saber.

Egris ficou confuso.

— Como assim? Os assassinatos não aconteceram, então?

— Ora, não me entenda mal. Os assassinatos foram reais, e alguém com certeza os praticou. Mas acontece que eu, pessoalmente, considero a descrição que insistem em fazer do assassino um tanto fantasiosa... Na minha opinião, criou-se um mito pelo fato de ele ter conseguido escapar. O povo gosta dessas coisas, o senhor sabe. E isso me faz pensar que talvez ninguém o tenha visto por aqui realmente. Entenda: em qualquer lugar que se conte essa história vai surgir gente querendo atenção, dizendo que já viu a fantástica figura descrita pelas testemunhas. Pois não há, entre os marinheiros, aqueles que afirmam já terem sido seduzidos por serias e atacados por monstros marinhos?

— Como dizem que é o assassino?

— Ah, pintam-no um grandalhão — disse o policial, em desvelado menoscabo. — Na verdade, “gigantesco” foi a palavra usada nas descrições. Sempre vestido todo de preto. Falam também que ele tem uma voz grave e estranha, uma voz que não parece humana. E dizem ainda, acredite, que ele não tem cabeça; parece que costuma usar um capuz, mas as pessoas que afirmam tê-lo visto à luz do dia garantem que no interior desse capuz há apenas sombras e nada mais... Ei! O senhor está bem?

É que toda a cor tinha fugido do rosto de Egris enquanto o policial falava, e por fim as pernas do velhinho vacilaram, ao que ele se amparara na mesa do soldado para não desabar no chão.

— Deusas do céu, ele está aqui! — sussurrou o dono do bar, o ar lhe faltando, os olhos cheios de pavor.

— Hein?! — espantou-se o policial. — Quem é que está aqui?

— O assassino!

O soldado deu uma olhada ao redor.

— Onde?

Mas Egris, que estava bem de frente para ele, não ousava sequer virar-se para orientá-lo melhor, receoso de que o forasteiro percebesse o que se passava. Limitou-se a explicar entredentes:

— Atrás de mim, homem, do outro lado do bar, lá no canto escuro... Está sentado em cima da mesa...

O policial espremeu os olhos e observou o canto mais escuro do bar por um instante.

— Mas lá não há ninguém!

Egris girou nos calcanhares e viu que de fato a mesa antes ocupada pelo forasteiro agora estava vazia. Além disso, reparou que a porta do bar estava aberta.

— Ele fugiu!

O soldado se pôs de pé, recolocou o elmo e sacou a espada da bainha.

— Vou atrás dele; não pode ter ido muito longe. O senhor sabe me dizer se está armado?

— Sim, ele tem uma espada.

Os dois, Egris e o policial, já deslocavam-se apressadamente por entre as távolas, chamando a atenção dos clientes sentados a elas.

— Tem certeza de que trata-se do meliante?

— Sim. Sujeito gigantesco, todo vestido de preto, voz grave e estranha. Está de capuz, mas...

O soldado estacou e olhou severamente para o dono do bar.

— Ora, não venha me dizer que o homem não tem cabeça!

— Bem, na realidade foi justamente essa a impressão que tive, policial. Mas veja, está escuro, e achei que devia ser apenas impressão minha...

Eles se encararam em silêncio por um momento e depois continuaram caminhando. À porta aberta, Egris deteve-se, vendo o outro sair para a rua. E, debaixo da chuva fininha que o vento forte agitava em todas as direções, o policial foi se afastando, olhando toda a volta até desaparecer na noite. O velhinho demorou-se uns instantes abraçado ao batente, desatinado, os olhos cravados no farol a uns cem metros dali: espancada com violência pelas ondas do mar, pálida

e ereta contra o negrume do céu, a torre parecia mais sinistra do que nunca, como se adivinhasse o pior. Por fim, já recuperando um pouco do autocontrole, o dono do bar tratou de fechar a porta e voltar para trás do balcão. Sentia as pernas tremendo incontrolavelmente.

Um encorpado burburinho tomara conta do estabelecimento. Os clientes tinham se levantado de suas mesas e agora adiantavam-se em direção ao balcão.

— O que aconteceu, Egris? — perguntou um homem.

— Que correria foi essa? — quis saber um outro.

— Por que o policial sacou a espada e saiu para a rua? — indagou uma mulher.

— Gente, vamos manter a calma, por favor... — disse Egris, e o burburinho reduziu-se, mas não chegou a silenciar por completo. — Escutem: o policial foi atrás do homem que estava sentado ali...

— O grandalhão? — precipitou-se a perguntar um jovem.

— Ah, eu sabia que ele não era flor que se cheirasse! — comentou alguém.

— Com licença, com licença! — Era Drósio, voltando do banheiro, ainda fechando a braguilha. Vinha espremendo-se por entre os outros clientes. — O que aconteceu, Egris? — perguntou preocupado, reassumindo seu lugar ao balcão.

Percebendo que o burburinho tomava corpo novamente, Egris mostrou a palma da mão a Drósio, para que esperasse, e então dirigiu-se aos outros:

— Pessoal, não há motivo para preocupação. Segundo o policial que acabou de sair, há outros soldados vigiando a região esta noite; eles estão atrás daquele forasteiro e certamente irão capturá-lo. Peço encarecidamente que voltem a seus lugares e continuem aproveitando a noite como se nada houvesse acontecido, está bem? Obrigado.

E os clientes foram voltando ruidosamente a seus respectivos lugares, todos falando ao mesmo tempo e gesticulando.

X

Egris contou toda a história a Drósio enquanto retomavam o carreado.

— Deusas do céu! — assombrou-se o gordo com a narrativa, usando o polegar e o indicador para alisar o bigode, como se isso lhe permitisse uma melhor compreensão dos fatos. — Então o grandalhão já matou cinco pessoas, hein?

— Isso mesmo, meu caro — confirmou Egris. — E, entre essas cinco pessoas, três eram policiais treinados que o combateram simultaneamente! E os outros dois eram donos de bar, como eu...

— Não dá para acreditar! Quero dizer, ele estava sentado bem ali; se o policial tivesse olhado para aquele lado quando entrou no bar...

— Sim, provavelmente uma tragédia teria acontecido aqui dentro; não quero nem imaginar!

— Sabe, no final das contas, você teve muita sorte. Não posso saber o que aquela criatura tem contra proprietários de bar, mas agora não acredito que fosse uma coincidência ele estar aqui. Se o policial não tivesse aparecido...

— É verdade...

E eles seguiram conversando. Naturalmente, aquele haveria de ser o único assunto pelo resto da noite. Em determinado momento da prosa, uma ideia assustadora ocorreu a Egris subitamente.

— Acha que ele pode voltar aqui?

— Não... Demonstrou medo ao fugir... Preferiu evitar o combate contra o policial, talvez pela quantidade de gente que testemunharia tudo, não sei... Mas, a essa altura, já deve estar longe, e a última coisa que deve passar por sua cabeça é voltar ao lugar de onde teve de escapular às pressas.

— Sim, pode ser...

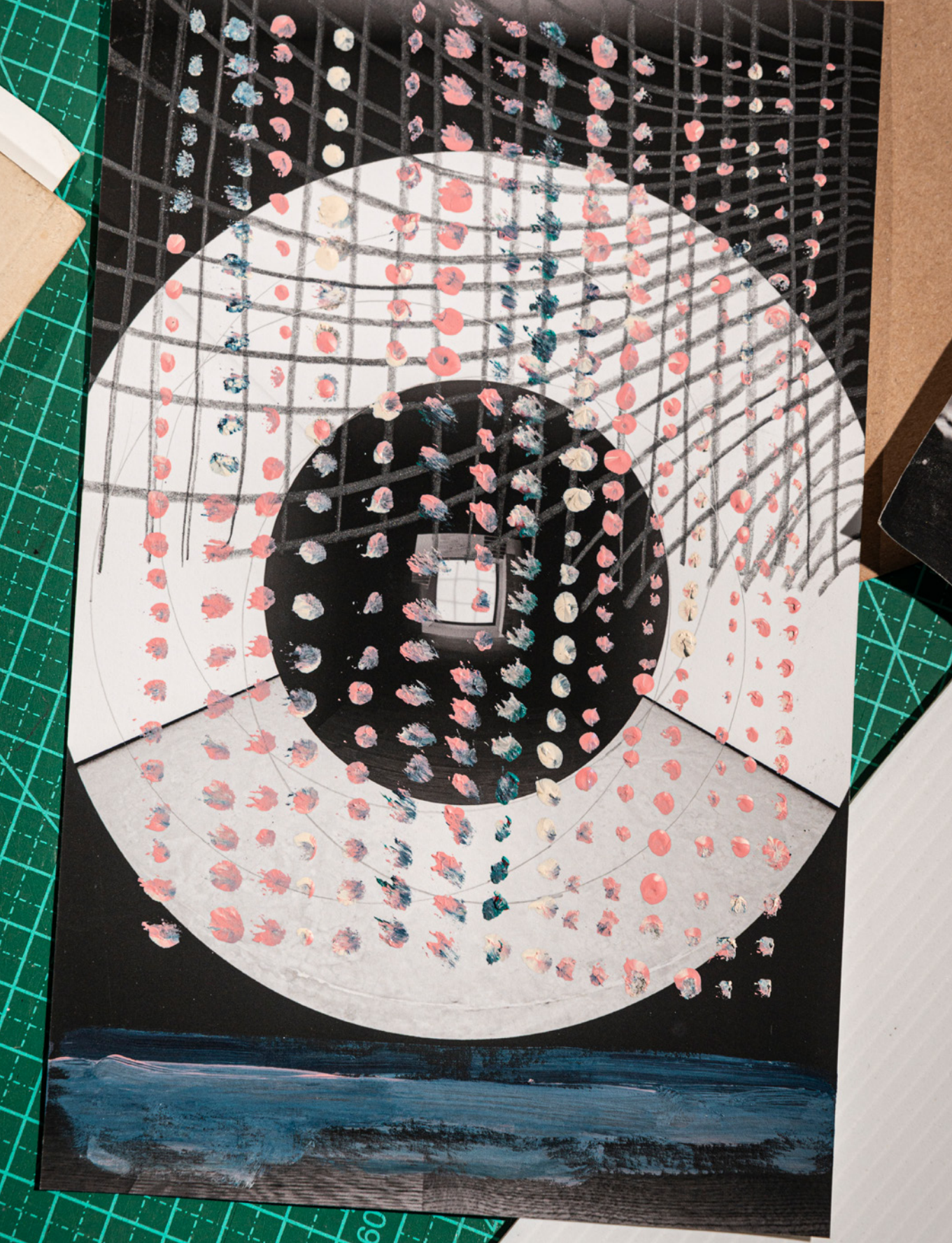
Drósio empinou sua caneca de sangue-azul, secando-a com um grande gole e fazendo a careta de sempre ao sorver o conteúdo.

— Ah! Pode me servir mais uma, meu velho? — pediu.

Egris foi até o estoque-cozinha. E lá acabou esbarrando num obstáculo inesperado. Foi como se a escuridão tivesse se solidificado, formando um largo pilar negro bem no meio do caminho. Antes que o velhinho pudesse fazer qualquer coisa, a enorme mão enluvada, num movimento incrivelmente ágil, agarrou-o pelo maxilar com violência, cobrindo-lhe a boca. E o diabólico gigante curvou-se lentamente, para poder lhe falar ao pé do ouvido.

— Quero que saiba que eu lamento... — sussurrou venenosamente, com sua voz medonha.





FOBOS

Atena Beauvoir

“*Corre! Corre!*”, afirmou para si mesmo.

E o rapaz de pele bronzeada e untada de sangue disparou em movimento frenético como se ele estivesse com o corpo ferido, mas não estava. O corpo não. Mas sua alma sim. Sua velocidade surpreendia animais silvestres e ele elaborava saltos e esquivas para ultrapassar dezenas de obstáculos. O percurso foi intenso e o rapaz não reconhecia mais por onde havia trilhado nas últimas horas de corrida. Suas pernas exigiam dele descanso. Olhava ao redor e já os cabelos de Apolo se punham no horizonte e o manto estrelado noturno alcançava o céu por inteiro.

Sentou-se ainda trêmulo. Seu suor pigmentava suas vestes cor de vinho. Encostou-se em pequena árvore observando o que carregava em um dos fortes braços: um escudo. Amplo e bem moldado, não apresentava ranhura alguma. O rapaz passou um de seus dedos na superfície do objeto e a gélida presença do metal afastou suas mãos que estavam ainda quente e sujas de sangue. Recostou-se novamente na árvore e fechou os olhos. Escutava o som da noite em região que desconhecia estar. Mas sentia-se seguro. Não parecia que algo poderia lhe machucar naquele momento. Em seu interior, carregava as imagens daquela tarde. Pode ouvir gravado em seu íntimo os gritos de horror e os pedidos de perdão. Sentiu aperto em seu peito como se o coração, que bombardeava o corpo todo, lhe conectasse com suas mais íntimas impressões da alma. Por segundos duvidou do acontecido, mas logo lágrimas escorreram pela face e atestaram que não havia pesadelo. Tudo aconteceu de fato.

Ao abrir os olhos observou, a curta distância, pequenos esverdeados mirando-o como se estivessem ali desde o momento em que se sentou. Não sabia dizer o que era, mas não sentia medo. Estava com as pernas abertas e o escudo entre elas. Segurou-o. Não pretendia usar, mas a prática de segurar escudo era ato convertido em rito comum quando na presença de desconhecidos e, mesmo que não soubesse de quem eram os olhos grandes que o fitavam serenamente, precisava se apresentar como herói. Levantou-se com dificuldade, e o vento nas copas das árvores sintonizavam a música da natureza. Ao longe escutava pequena flauta de algum morador da fauna e flora. Pequeníssimos vaga-lumes cintilavam suspensos no ar e morcegos agitavam-se por entre os espaços das árvores.

“*Apresente-se, olhares gláucos, e se ponha pela luz da Lua que nos ilumina a presença!*” afirmou em tensa voz, pois estava calado fazia algumas horas. Não ouviu resposta alguma. Continuou parado, empunhava o escudo na altura do nariz e fitava ao redor sem perder de vista o curioso olhar verde. Temia alguma emboscada. Mas, estando

sem arma, foi treinado a usar de leves a pesados escudos e ferramentas como arma em situações como aquela. “*Ande, em nome de Zeus, Senhor dos céus e dos raios, te faça revelar!*”.

Como que por magnetismo, o corpo do rapaz dobrou os joelhos com força, tombando seu corpo com o escudo que agora o protegia a cabeça. Sentado sobre os pés, sentia compelida força a lhe pressionar os ombros. Força essa maior que a de 10 guerreiros épicos ou um leão selvagem. Escutou moverem-se as folhas que não via. Seu pulso segurou firme o escudo que lhe protegia as vistas e o tórax. Com o outro braço estendido, pegou um pequeno pedregulho e, em grito, moveu seu corpo ao chão. Deitando e usando a força que lhe empurrava para baixo, atirou fortemente a pedra em direção aos passos que já estavam mais próximos. Os passos cessaram. Nada além das árvores e demais sons que já havia se acostumado.

Num rompante, intenso e agudo som se fizera ouvir na floresta toda. Como se pesado metal estivesse em choque com grande objeto, o rapaz percebeu que o escudo havia sido atingido pela pedra que atirou e retornava. Seu corpo, fragilizado pelo impacto e tentando resgatar a lucidez dos sentidos pelo som que ainda se fazia ouvir em seus ouvidos, deteve-se em portentosa figura parada à sua frente. Sua presença lhe rememorou aromas das folhas de oliveiras, pergaminhos novos e tecidos específicos de batalhas que eram utilizados na cidade capital, mas por altos custos. Pensou que pudesse ser alguma cavalaria que lhe buscava o corpo morto, algum general que lhe estivesse procurando. Já não reconhecia que horas eram, mas a lua cheia já estava em seu percurso de colocar-se em descanso.

“*Estás com medo, jovem rapaz?*”, a voz sussurrou em tom afável mas viril. Ele observou, ainda entre-fechando os olhos, pois parecia que névoa brilhante lhe impedia de compreender com exatidão a quem pertencia tal questão.

“*Quem és tu? A que viestes? Sois guerreiro? General? Filósofo? Feiticeiro?*”, esbravejou em tom sério e certo, como se fosse flecha na língua atirada com firmeza e leveza. Seu corpo já não conseguia se mover em absoluto e seu coração começava a se apertar como se estivesse na presença de um grandioso dragão ancião. “*Conhecias aquela horrenda criatura que me foi dada a bênção de lhe arrancar a cabeça e extirpar dessa terra, criatura tão horrenda? Vens em missão de me aprisionar ou então eliminar-me do corpo? Pois saibas...*”, pequena tosse lhe provocou golfar saliva e sangue. Estava machucado por dentro, “*Saibas que os próprios Deuses permitiram que tal criatura fosse retirada de nossa vista. Está lá. Ela se foi, seu sangue amaldiçoado tingiu minhas roupas e as rochas daquela caverna. Ande, diga! Não tenho medo frente a quem se esconde em neblina mágica e fugaz! Revela-te!*”.

“*Se não tens medo, jovem rapaz, por que empunhar o escudo? Somente usam dos escudos os que temem ataque e sentem que estão sendo ameaçados. E aqui somente estão Eu e você*”. A figura de altura magnânima e elevada vibração de voz se fez apresentar em roupa de batalha jamais vista nos páramos que o rapaz percorreu. Em seu imenso elmo de coloração azulada, um brilho nítido em luz de uma fonte desconhecida. Em seu ombro, uma pequena coruja observava o rapaz amedrontado. “*Não vim para batalha alguma, senão para restituir o sentido de tua visão. E segure o escudo amanhã, ao amanhecer. Por agora, está seguro. Não do mundo ao teu redor, mas de ti mesmo. Ande, alivie o braço desse temor, compartilharei contigo o que devo compartilhar e tu*

saberás que esse escudo é mais perigoso que qualquer lança, espada ou machado, pois ela indica ao mundo que tu carregas medo”. Um feixe de luz envolveu o pequeno campo onde estavam. Diversas criaturas da floresta assistiam à cena, algumas em devoção e outras em sofreguidão. A flauta, que estava longe, agora aproximava-se, e cantiga de antiga música entoada na chegada de seres que não viviam entre os mortais se fez ouvir. O ambiente antes temível e solitário se tornou acolhedora assembleia de seres vivos. O rapaz ainda se punha ajoelhado e sentia o pesado escudo converter-lhe persistência em dor. “*A quem devo atribuir tal pedido? És sábia e geras virtude em meu ser quando falas. Quem sois?*”. Erguendo seu rosto cansado e sujo, observou a luz dissipar-se em pequena onda que se propagou pelo ambiente.

“*Eis-me aqui, mortal, Palas Athena!*”

Sua voz tornou visível todo o entorno. Como se a Deusa quisesse ser vista pelo jovem. Ela caminhou em direção a uma pequena rocha e sentou-se. Observando o rapaz, tocou-lhe a ponta do ombro e, em seguida, sorriu sutilmente. Como se recém tivesse acordado de longo sono, o corpo do jovem se reergue em vitalidade. Ainda no chão, sentou-se e permaneceu segurando o escudo.

O que exatamente a Deusa da sabedoria — aquela que desafiava o próprio irmão em guerras divinas e sempre triunfava sobre o próprio Deus da guerra — desejava lhe dizer naquele momento? O que de fato havia naquele escudo que a fizesse sair de seu templo maior e lhe conceder a graça de sua presença com ele, guerreiro mortal?

“*Fiz errado em tirar a vida daquela peçonhenta criatura?*”, questionou o rapaz em tom juvenil, como se houvesse cometido algum grave delito e buscasse receber algum tipo de penitência.

“*Ninguém tira a vida que não ofertou, Perseu!*”. A voz de Athena lhe penetrava fundo na alma. Como se ela não falasse com seu corpo, mas com suas forças internas que se moviam ardentemente ao escutarem as ondas vocais da divindade. No primeiro impulso, desejou fugir dali. Sentia que cada frase não era nada além do que uma sentença advinda de um profundo sábio ancião de algum vilarejo ou sacerdote de templo bem quisto. Na verdade, estava na companhia daquela que invocava para si o nascedouro de todas as fontes de conhecimento que os mortais se gabavam de dominar.

“*Tu não a conhecias, correto?*”. Perseu lhe fitava os lábios como que esperando outras sentenças para si. “*Eu bem sei que tens ímpeto de guerra no coração. Todos os mortais o tem. E isso jamais me preocupou. Eu trouxe ao mundo o dom da diplomacia para os que são capazes de equilibrar o que sentem do que pensam e, quando equilibram tais forças, produzem o sentido diplomático do que é possível para ambas. Mas tu, Perseu, tinhas em ti todas as condições de não atribuir à Medusa o exílio de teu próprio ser. Tu tens uma história. Uma bela história de muito treinamento, batalhas, conquistas, poucas derrotas, mas Medusa também tinha uma história. É provável que ela conhecesse a tua, Perseu, mas tu desconheces a dela. Por que, então, te digo somente agora e não antes de desferir o golpe fatal, decapitando-a sem nenhum tipo de sentimento senão o medo?*”. Nesse instante, caíram de Perseu lágrimas sutis como se fossem congelar ao contato das frias palavras que eram imputadas a ele.

“O que tu não sabes é que fui Eu quem destinou para Medusa o cárcere que tu observará pelas estórias populescas. Mas nunca, de fato, ouviu dela a versão que surgiu das páginas do coração da sacerdotisa que fora estuprada por meu Tio, Poseidon”. Ao citar o nome do Deus dos Oceanos, sonoro ruído ao longe pode ser escutado. Ondas bravas sacudiam-se encontrando as firmes rochas de algum penhasco próximo.

“Ela me pediu que eu a tornasse quem era, pois vivia em medo de encontrar homens cruéis que fizessem o mesmo que meu Tio. E tu sabes o que é mais generoso nisso que te conto? Ela havia me dito que desejava que quem a olhasse fosse petrificado com o mesmo temor que lhe tomou conta no dia do estupro. Perseu, meu jovem, a humanidade aprendeu a domar tantos animais. A construir prédios e a narrar poemas. Aprofundou-se nas ciências e, no campo da filosofia, tornou-se ávida questionadora de tudo. Menos realmente de si mesma, pois, se houvesse dado esse passo, teria se aproximado do mais íntimo do ser e jamais perderia a dignidade de existir por perder-se em segundos de ira, ódio, rancor, vingança. E o pior de todos: medo!”.

O jovem levantou-se cambaleando, deixando o escudo cair e encostando-se em próxima árvore, vomitando tempestivamente, como se viesse do mais profundo da sua existência o conteúdo que ali jorrava.

“Náuseas, Perseu. A mesma sensação de estar num barco em alto mar sem rumo e sendo balançado de um lado para outro. No teu caso, teu corpo é uma embarcação, Perseu. E tens que navegar por densas águas para compreender o que de fato há no filho de Ares que te comove tanto a ponto de temeres quem sequer conheces.” A Deusa levantou-se e foi em direção ao escudo. Pegou-o em leveza, como se fosse uma pluma. De pequena sacola, retirou a cabeça ainda sangrando de Medusa. Perseu escutou o sibilar de algumas poucas cobras que continuavam vivas e deteve seus olhos mirando o chão. A Deusa, em uma mão o escudo e na outra a cabeça de Medusa, em um único movimento, fundiu-os e outra vez sonoro e intenso impacto agudo emergiu da fusão. Perseu tampou os ouvidos para evitar o rompante sonoro, mas o barulho perpassou seu corpo inteiro até alcançar os extremos de sua alma. Uma luz branca forçou-o a abrir os olhos. Ele atentou para o corpo da Deusa, que somente segurava o escudo, encostando-o levemente no chão.

“Onde está a cabeça?”, Perseu murmurou entrecortadamente.

“Medusa não está mais entre nós, Perseu. Ela agora pertence ao mundo de Hades. E tu pertences a esse mundo. Deixe que o Olimpo se encarregue de seus compromissos com a humanidade para que vós possais se encarregar de vós mesmos”. A Deusa fitava o céu que surgia em solar força de Apolo. Os raios tocaram-lhe a vista e mirou Perseu.

“E o escudo?”, questionou levantando-se e buscando se apoiar em outra árvore.

“Esse escudo forjado por Hefestos é meu presente aos que temem ir além. E tu, Perseu, temes ir muito além, não por que temes cair e ser derrotado, mas porque temes vencer e isso te amedronta imensamente a alma. Tua luta nunca de fato é para tua própria vitória, mas para a vitória de um ideal, de um povo, de uma guerra. Mas e a tua vitória sobre ti mesmo, Perseu?! Toma esse escudo para ti. Ele carrega a maldição em que eu havia envolvido Medusa para que ninguém se aproximasse dela e novamente sofresse a dor que foi imposta a ela. No teu caso, tu te impõe à própria dor. Então o escudo te servirá de proteção contra o que há em ti e não contra os outros. Ele ainda petrifica as vontades outras que não sejam resolutas e tu somente aprenderá

que podes viajar para muito longe, mas a tua mais importante batalha sempre durará como um sonoro ruir do escudo tocado pela luz que surge de tua alma”

A Deusa entrega nas mãos de Perseu o escudo e tocou-lhe a fronte. Um profundo sono envolve o corpo do rapaz e, como se todos os músculos fossem convidados ao relaxamento, ele deitou e vislumbrou Athena lhe fitando a alma.

“E quanto tempo eu ainda tenho para vencer a mim mesmo?”, o pensamento de Perseu se propagou na direção da Deusa. Ele agora dormia segurando o escudo com o brasão do rosto de Medusa.

“O tempo de uma vida, até que a sombra da morte te peça o corpo, tu tens tempo, Perseu. Às vezes anos. Outras, o tempo de um minuto, mas enquanto há tempo, há vida!”. A Deusa se projetou no ar e diafanamente se dissipou.

Ao longe, dois homens caminham dialogando e escutam, no amanhecer, o pio de uma coruja. *“Corramos daqui logo, meu amigo”*, afirma um dos peregrinos, *“uma coruja está acordada. Sinal de que os Deuses estavam nessa região. Até o mais bravo herói de nossa nação temeria tal encontro, muito mais fácil seria encarar mil criaturas sanguinárias do que a própria alma. Corra. Corra!”*.



do gelo ao degelo

mariam pessah

Eu estava submersa num desses mundos que às vezes visito sem muita consciência, quando foi ver os seus pés e ver o gelo e ver o tempo sentir o vento o rompimento e perceber a queda. Gelei. De repente parecia que toda uma vida estava à minha frente. Essa era uma metáfora da queda? Do tempo? Da atualidade?

A última vez que tinha encontrado ela no Tinder, conversamos sobre várias coisas. Também sobre cavalos brancos. Ou seriam cabelos? Nestas épocas o tempo é uma onnipresença. Não consigo pensar sem o tic-tac detrás da orelha. Ele me tictaqueia o tempo todo. Há três dias botei fora um relógio do qual eu gostava muito. Ele não era Sveglia e parou. Uma semana antes eu tinha comprado uma pilha nova. Já nem isso. Nem a pilha nova pôde levantar o tempo morto do relógio. Voltou a parar. Mas desta vez eu nem fiquei triste. Sua presença era tão forte, tão gritante, cada respiração sua era quase um alarido. Eu me sentia dentro da máquina do tempo. E ele nem era tão velho, imitava um relógio de outras épocas, mas não era. Ele era desta época e da sua falta de oxigênio e aí volta o gelo e o tempo e o seu destempo. Como caminhar sobre gelo? É como uma “bomba” de tempo. Talvez eu disse bomba porque foi a primeira palavra que me veio à mente, mas poderia ter dito queda. Queda e queda de tempo e queda no tempo. Água em transição. Estava falando do relógio e da sua respiração quando ele parou de vez de respirar. Na real eu não sei quando ele parou de respirar. Eu sei que me dei conta talvez uns dias depois, quando percebi que não me incomodava mais aquele constante tictaqueio. Eu só fui me dar conta que o tictaqueio já não era gritante quando o que ficou gritante foi o seu silêncio. Lembrei de um hospital e da imagem da mulher com o dedo na boca. Quantos silêncios de morte existirão? Será possível contá-los? Fiquei séria, mas desta vez decidi me despedir.

Por isso, ao ver ela parada no gelo, pensei O que ela faz? Por que isso? Mas ela estava avisando : o tempo é finito, em algum momento tudo vai acabar. A queda está chegando. É iminente.

Eu nem tinha visto que ela era Miss quando a escolhi no Tinder. O que eu vi foi o gelo, o tempo o tempo lento que levava ao destempo. O que eu vi era a queda e só pensei em salvá-la. Mas no que eu não pensei foi na minha queda, no meu destempo, no meu próprio gelo. No meu coração. Isso só seria o início.

Foi então que eu perguntei se era a primeira vez que **Não**. Interrompeu. A cada três meses ponho os pés no gelo. Gosto de sentir a transição de uma estação a outra. Os dias escorregam como a água que vai desgelando. Minha sobrancelha direita levantou. Só que desta vez decidi chamar a imprensa. É. Eu quis convidar o pessoal para falar do tempo com o tempo no tempo **Um metatempo!** Agora era eu quem interrompia. Mata tempo? Ficou pensativa ela. Tu achas que o gelo mata? Não falei em matar, mas se acho que o gelo mata... pode matar sim, mas acho **Sorriu** e continuou se deslizando na sua fala : ao ser no início de cada estação é como se a anterior desse as boas vindas à nova. Entende? Que viagem!, lembro que pensei enquanto abria grandes os olhos ouvindo ela. A realidade falando de realidade. Podes ver? Perguntou enquanto tomava um gole de cerveja.

Eu estava pensativa, não sei se entendia, também não sei se o que buscava era entender ou transitar nesse mundo que começava a achar fascinante. Um mundo-tempo. Ou tempo-mundo. Ou modo-mundo-tempo. Ou modo-mundo-tempo-novo.

O que será que eu entendia e o que seria que ela pensava? Qual a distância entre um pensamento criativo e um pensamento receptivo que tem que ser criativo para entender e receber? Tu bebe devagar e a cerveja vai esquentar. Novamente a presença do tempo, sempre o tempo. Falei que ele me tictaqueia o tempo todo? Rimos. É possível pensar-se fora do tempo? Da pressa? Interrompi : tu já tomou o tempo da queda em cada estação? Que boa ideia. Adoro ir sentindo quando ela se aproxima. No verão é bem rápido, imagina um dia de 40°, num piscar estou no chão, enquanto que no inverno podem passar muitos minutos. Fui deixando de ouvir ela, as lembranças de uma performance que vi uns anos atrás, no Iberê, estavam cada vez mais nítidas. Um cara arrastava um grande cubo de gelo pelas ruas de um bairro na cidade do México. Às vezes fazer é mais trabalhoso do que os resultados que isso deixa. Às vezes fazer algo leva a nada. Leva a deixar um rasto momentâneo de água, e quanto tempo nas memórias? Paro e me pergunto : quantas formas tem o tempo? O tempo se desintegrando como água vinda do (des)gelo desse cubo que ia ficando menor e menor e menor até ser um tijolo, uma pedra, uma lente solta de um óculos até derreter e sumir. **Sumir** aonde?

Abri a janela e me encontrei com uma grande nuvem à minha frente. Como se a tivesse chamado. Pensei : a própria imagem do tempo. Mas o gelo também. Tempo trancado que com ajuda do calor pode ir se descomprimindo e se for o caso se libertando de uma forma definida. Todo tempo tem a ver com água? Com vento? Existe algo que não possa ser associado ao tempo?

Por isso dei-lhe coração aquela vez. Eu vinha um pouco entediada da pandemia quando minhas amigas me insistiram para entrar no Tinder. Eu nunca tinha tido conta lá e, uma vez aí, o tédio começou a ser das selfies felizes. Claro que isso também pode se ver nas outras redes sociais, mas por isso, no meio desse mundo de fantasias, me aparece ela, uma pessoa que parece humana, falando em erros, sendo a própria **Miss do erro**. O erro, o inacabado, o imperfeito,

que nem sempre é ruim nem negativo. Tudo isso faz parte da nossa existência. Com o erro a gente aprende, mas não é comum ver / mostrar esse lado e aí estava ela uma verdadeira **Miss do erro, a própria**. Eu me apaixonei naquele instante. Só fiquei torcendo para que ela me desse o seu coração e assim produziríamos um Match de sensações.

Sensações que não faltam no verão porto-alegrense, cidade que, nesse período, atende mais pelo seu apelido de Forno Alegre. Eu vi o gelo e quis me adentrar nele. Seria possível caminhar tendo no corpo o polo sul e nos pés o polo norte? Agora estaríamos na equação Tempo/Distância. Tempo/Distância/Temperatura.

Foi um dia de manhã que aconteceu. Eu estava pondo as roupas na máquina de lavar, encantada com meu novo aspirador de pó que pela primeira vez posso usar a parte de baixo àquela que nunca serve porque quebra em seguida é feita por homens que trabalham em um escritório e não limpando a casa e podia varrer com ele sem ter que me agachar ou me sentir uma idiota passando o cano uma e mil vezes pelo mesmo lugar, dando de comer às gatas, dobrando a roupa seca quando, no meio de tudo isso, me assomei ao telefone e vi. Foi um assomo quase em automático. As fronthas já secas e recém dobradas caíram das minhas mãos. As letrinhas verdes de neon gritando. Piscavam direto nos meus olhos. **MATCH**. Comecei a sorrir, meu coração disparou. Caaaraaaaca.

Quando me deparei frente à pedra de gelo, me peguei imaginando não só numa enorme caipirinha mas o bem que me cairia refrescar os pés no meio deste calor. Será que ela pensou nisso quando decidiu pôr seus sapatos e pés e se parar lá em cima? Aí vi a outra pedra. Primeiro alucinei que estava vendo duplo, depois achei óbvio, no início foram dois pés de gelo e ela se transformou naquelas grandes tartarugas que seguravam o mundo junto com os elefantes ... a água começava a escorregar e fiquei viajando no percurso das águas porque por mais que se fale que a água está acabando água nunca acaba água não deixa de existir. Água é. Água é Sveglia e ela nunca some. A gente até poderia fazer um relatório da coisa, quer dizer, dela, da água, mas acho desnecessário. Todo mundo já sabe que ela passa de um estado a outro : de limpa a suja. A gente já sabe que um bando de inumanos a contamina com as indústrias, mas ela é furiosa, ela não acaba. Que sensação! Pensar que algo, podemos chamar a água de ser? de ser viva? de sem fim? de imortal? Ui. Lembrei da Simone de Beauvoir e Todos os homens são mortais (e as mulheres também). Depois de ler esse livro, eu não queria ser água, eu não queria ser Sveglia.

Nossas conversas eram sempre assim. Fluíam como as águas nas que a gente nunca se banha da mesma maneira duas vezes. Nem entra da mesma forma no rio. Por isso que eu gostava tanto dela. Ela era a criatividade personificada. Claro que às vezes eu também não sabia com que ela iria se sair. Ela também não sabia de mim. Nisso pairava a nossa unicidade.

Há sempre algo que me escapa. Ela diz. Eu abaixo a cabeça e, olhando para os seus pés, deixo sair o meu sorriso de um lado só. E, com os sapatos e o gelo, eu levo essa sensação ao extremo. Extremo. Eu falei Ser o polo norte e o polo sul a um tempo só. Te interrompi, desculpa. Há sempre algo que me escapa. Ela retoma. Como quando você tá num carro, sabe? Uma hora você vai que é uma beleza; mas outra, é pôr a chave e ouvir um barulho que você nem sabe de onde vem. Anda uns metrose para. Aí você pensa: tem gasolina, tem água. Você fica esperando, h o r a s e, num belo momento, tenta novamente e o carro tá como novo. Onde se resolveu o problema, aqui ou lá? Entre quantas dimensões vivemos no cotidiano?

São as 6 da manhã. Começo a acordar feliz sabendo que tenho todo o dia pela frente. Vou ao banheiro e na volta corro as cortinas, abro as janelas e volto para a cama, pego meu livro e tento ler, mas os olhos não enxergam. Acho que a alma deve de estar ainda baixando no meu corpo. Fico quieta olhando para o céu enquanto espero todas as minhas partes acordarem.

São 6 e pouco da manhã e começo a ler, mas aos poucos me esqueço das letras e começo a viajar. São as 8 e pego o telefone. Vou na sua página do Facebook, acho que ela não é muito das redes.

Um tempo atrás conheci uma mulher. Na primeira vez que nos vimos, tivemos uma conversa ótima, um papo que brilhava como há tempos não me acontecia e fiquei sorrindo por alguns dias. Senti esperanças com essa porta que se (me) abria. Por algumas razões que desconheço nesta dimensão, demoramos a nos ver pela segunda vez. Desse encontro, lembro que o melhor foi o chopp Ipa de 400 ml que tomei. O papo não foi ruim, mas não deixou pegadas em mim. A comunicação que mantínhamos pelas redes, mensagens, não eram diferentes do que com qualquer vizinhx que encontrasse. Depois daquele segundo encontro, ao voltar para a casa, pensei que nunca poderia me apaixonar por ela. Obrigada pelo papo, moça, foi bacana a conversa e tal, mas... Mistério que segue. Continuamos nos correspondendo. Quer dizer, nos comunicando, até que um belo dia eu lhe contei de uma felicidade, ela contou outra e foi então que me propôs um jogo. **Adoooro jogos!** Voltei a sorrir e abri grandes os olhos. Vamos brincar do dia ideal? Como seria para nós? Combinamos de escrever e enviar por e-mail. Eu entrei direto na brincadeira e por um momento voltei a amar ela (é possível voltar a amar a quem nunca se amou?), imaginar a felicidade era tudo que eu estava precisando. Um dia foi muito curto. Eu queria mais. Cada situação, no mínimo, eu poderia triplicá-la. Porque uma noite terminava num boteco de Porto Alegre, depois de um Sarau. A seguinte poderia ser numa pizzeria de Buenos Aires, junto a dois ou três amigas, depois de uma peça num teatro alternativo. A terceira seria numa roda de conversa na FLIP, em Paraty, ao lado de escritorxs e poetas que eu tanto admiro e com pessoas com as quais depois iríamos a beber essa cachacinha tão característica de lá, embora algo doce, intercalando com umas cervejas, prolongando o papo até altas horas. Penso nesses encontros com gente, com a arte, com aglomeração e a vida floresce novamente. Um dia eu amanheceria cedo e ficaria lendo na cama,

outro faria uma caminhada pelo mar e depois tomaria um café da manhã bem frugal, no terceiro acordaria no mato e faria uma trilha com a turma de amigas até chegar às cachoeiras e tomar o melhor banho. Uma tarde ficaria escrevendo, outra debatendo feminismo e outra pintando cartazes para a passeata, pois esse dia cairia Bolsonaro e todo o seu governo genocida.

Ainda com o sorriso nos dedos e no teclado enviei meu/s dia/s feliz/es. Acho que esse amor quase instantâneo que eu tive naquela hora acabou logo com a sua resposta. Com o seu dia. Acho que com ela nos encontramos mais nas ilusões, nos sonhos. O que era a respeito do plano de voo, viajávamos por céus distantes.

Essa mulher tinha me proposto um jogo que eu tomei por voo. Têm pessoas que vêm com essa única missão ao nosso encontro. Isso entendi em outra dimensão que visitei.

E segui viajando sozinha e não me importei de seguir “sozinha”, porque eu estava com migo e estava em movimento. Então, eu estava voando quando avistei ela. **E l a**, a Miss do **gelo!** Lá embaixo, na rua, ela tinha descido — aparentemente — toda uma escada, mas quando eu a vi estava no chão e muitas pessoas olhando e **ninguém lhe oferecia ajuda**. Um moço de chinelos de dedo e bermudas levava a mão esquerda à boca, acho que ele não acreditava no que estava vendo. Estava parado muito bem apoiado nas suas pernas, mas parecia que havia coisas que também lhe escapavam. Dobrou o braço direito e o usou de suporte para o assombro. Duas mulheres fotografavam com seus celulares enquanto ela continuava caída no chão. O tempo parecia ter se detido. Outras três paravam com os seus bambolês grandes para observar a cena, perto de dois guris de cabelo colorido que também estavam bem surpresos. Ao contrário de uma turma que continuava conversando e até de costas a ela, o que prova que essas pessoas nem sabiam que isso aconteceria, que ela cairia, que ela precisaria de ajuda. Quando eu a vi ainda estava com sua perna esquerda levantada, como solta, no ar, a direita no chão entre pedaços de gelo. O cotovelo direito apoiado (teria batido com a força da queda) direto nas baldosas e a faixa, **a faixa da Miss querendo escapar do corpo**. Será que ela estava bem? Seus cabelos compridos estavam de lado, como se fosse uma fotografia e eles num instante congelado da imagem.

Acho que foi um domingo ou sábado que vi suas fotos no Tinder. Havia algo de tão particular que quase me assustou. Eu comecei a viajar nela nesse mesmo instante. O aplicativo, que eu mal conhecia, me acabava de dar uma dica : dando um *super like* eu teria mais chances com a moça. Obrigada, companheiro. E foi o que fiz. Depois de tantas vezes ir espiar se havia novidades, chegou aquele momento em que a gente esquece e teve que ser o e-mail a me avisar que tinha uma nova mensagem me esperando e era nesse momento que eu estava com as fronhas e a casa e as gatas e não com a mente nela. Foi ela que me trouxe novamente à realidade. Ao grito. À emoção. Quase caí para trás ao ver que era ela. Ainda bem que foram as fronhas. Ao abrir a mensagem, ela já entrava conversando comigo, não era aquela coisa de Oi. Bem. É. Ela não precisava contar

que era curiosa, que gostava de conversar. Ela conversava, me atraía a ela. Ela me fez sorrir. Por isso, quando passei sem saber que estaria aí e a vi caída no chão, sem ninguém ajudando, só olhando, só expectando, pensei mal da humanidade. Eu tive que descer e me sentar. Eu me sentia — ou era? — uma protagonista (naquele momento) d’As asas do desejo, uma alma viajante saída do filme de Wim Wenders. Eu passava voando e como faria para tão rápido encarnar? Eu descí. Ela estaria me chamando? Eu descí mas ela não me via. Eu possei minha mão no seu ombro. Eu não podia entender que isso era uma performance, que as pessoas assistiam a uma interpretação. A vida toda é uma performance! A gente vive dentro de uma grande representação, só que algumas são mais verdadeiras do que outras.

Interrompi a mim. Como assim **mais verdadeiras**? Todas são, questionei-me.

Verdade. Às vezes eu tenho razão.

Enquanto eu estava lá em cima, voando, veio a mim uma frase que uma vez li. Será que a li ou a pensei? “É no vazio que se passa o tempo”. Às vezes eu fico me confundindo o que é vazio, o que é lá fora, lá em cima, a quietude e o *voovimento*. Penso se essa frase será que pertence a Clarice, a mim ou a tantas outras pessoas porque muitas podemos ter passado/pensado por aí, assim como já havia situações kafkianas antes do Kafka.

Eu falei para ela que agora teria que partir. Olhou-me séria, fundo na profundidade das águas. Dos olhos. Seu olhar transluzia a pessoa que não concorda, mas aceita. Expliquei que este era um amor de conto e que agora eu precisava continuar viagem. Ela ficou em silêncio. Eu também. Nosso convívio tinha sido verdadeiro. Fiquei pensando na intensidade e no tempo. Não é que o tempo faça a intensidade, às vezes um encontro, um “simples” encontro pode ser muito profundo e fugaz. E de tão “fugaz” e pequeno, queima e grava fundo. Eram tempos de degelo. Ela interrompeu e fez um aceno, Vem, preciso te contar algo antes de tu ir embora. Vi que não sairia tão rápido. Foi então que ela começou a falar e me contar... Eu tenho fogo nos pés. Desde pequena eu sinto eles muito quentes, já consultei quanto médico e médica encontrei no caminho. Não adiantou. Nunca ninguém descobriu a razão. Até que um dia, ainda criança, fui na cozinha, abri o congelador e busquei duas geleiras, as amarrei aos meus pés e comecei a andar assim, primeiro pela casa, pela vida. Minha família





demora

Juliana Maffeis

E sendo água, amor, querer ser terra.

Hilda Hilst

faz tempo que não me reconheço em uma fotografia: é meu corpo que vejo naquele retrato mas quem a pele captura a luz do sol os olhos pingam sob a ameaça de estiagem e não tenho controle olho quem era por horas: uma imagem que pouco revela o cabelo crescido os fios grisalhos a curva da barriga a cicatriz na mão esquerda a pinta que cresce na coxa direita (seria o câncer que matou vovó querendo abrigo?) são poucas as estratégias de me olhar com paciência fotografo meu corpo aos pedaços pra ver o que enxergo na dobra talvez um cantinho que nunca olhei de perto um cantinho que não sei o gosto não sei se gosto será que cheira será meu

começo pela voz que registro algum mostra: não há como capturar a voz não cabe é grande demais pra uma imagem tem vezes que o texto não dá conta e a palavra engana me engana tento me fotografar gritando e vejo apenas uma boca aberta olhos estreitos língua dura ombros firmes punhos soltos nenhum murmúrio um sussurro sequer nada nadinha talvez esteja gritando de dor talvez observando o movimento dos músculos em um gesto de desespero talvez esteja querendo chamar sua atenção a imagem também engana me engana ainda que não saiba ouvir o berro sei que o som preenche todo o espaço é inútil cobrir os ouvidos

lá fora existe um corpo sem acesso: uma cidade também carrega lugares que não escutamos se espaço fosse gente mapas seriam autorretratos se espaço fosse gente pareceria com os outros não comigo não com a terra que segue molhada debaixo do passo agarro a noção de distância na mulher que grita grita grita grita grita grita grita grita

me fotografa: ela implora baixinho só mais uma essa não ficou boa essa o nariz tá estranho essa o cabelo tá feio essa pareço uma puta essa pareço morta essa pareço feliz e é mentira nessa estou triste demais a próxima vai dar certo muda essa camiseta velha deixa de ser preguiçosa passa um batom vermelho agora ficou muito falsa agora manda pra alguém é um desperdício ninguém ver manda pras amigas melhor não as amigas só falam de crianças deixa arquivado aí um dia talvez eu precise deleta tudo vai que sou assaltada vai que desisto dá pra se afastar um pouquinho?

ligo a câmera e vou pra sua frente como faziam as famílias antigas em frente ao lambe-lambe atrás da câmera um fotógrafo invisível prepara a luz: a família sou eu mamãe papai maninho titio titia vovô vovó câncer cirrose medida protetiva autismo autoritarismo vingança ciúme desconfiança raiva descontrole e amor digno de laços consanguíneos em dez segundos me transformo no fotógrafo invisível e retorno para ver como ficou a imagem — péssima — novamente na frente da câmera reúno a família que me assombra por trás sou toda a invisibilidade da luz

sobre as páginas de um atlas coleí fotografias: 1. meu pai voltando do Rio de Janeiro com uma Pentax K1000 pendurada no pescoço que ele encontrou aos pés do Cristo Redentor 2. quando revelamos o filme metade eram registros de uma família desconhecida metade a nossa família pela metade 3. parece inútil tentar quando tudo já foi fotografado sob todos os ângulos 4. a observação como um direito atento o olhar e seguimos com o velho desejo de controlar os ânimos os métodos os planos as sequências

faz tempo que não me reconheço em uma fotografia: do lado de fora me identifico com qualquer calçada da época em que o Fórum Social Mundial estava sediado em Porto Alegre fiz um curso de fotografia usando a câmera de meu pai e teve uma caminhada longa e vermelha que fotografei de cabo a rabo e não guardo nenhum registro mas recordo o percurso inteirinho porque olhar pra fora me acorda no susto de um bebê que descobre a fome

é tudo uma questão de enquadramento meu pai dizia sem entender virava noites revelando a memória sem disfarce porque adotei a realidade dentro de um pacto: não acredito no que vejo e você me mostra aquilo que esconde

tremo de susto toda vez que passo por uma vitrine espelhada o jeito que a imagem me enxerga não é recíproco e a memória é uma casa velha: 1. quando meu irmão comprou uma terrinha em Caraá havia uma casa de madeira podre e centenária ocupando parte do terreno antes de demolir a casinha lhe entreguei um porta-retrato de presente pra ele pendurar a foto da casa velha na parede da casa nova sem que fosse preciso lidar com a sensação de estar esquecendo a chave ao fechar a porta 2. estou disposta a ouvir o barulho das imagens quando se chocam dentro da mesma fotografia 3. tomo distância do corpo pelo registro essa doida que grita dentro também grita fora

o que sobra entre mim e essa mulher que grita é um resíduo que gruda na parede perco a paciência quando me enrolo numa linha de ponta dupla e tudo que faço é registrar uma falta que não termina quando acaba: essa voz amanheceu rouquíssima dentro de casa acolho o corte que não seca nem sangra e tomo de assalto uma cidade vazia volto de mãos no bolso por todas as ruas persigo um grito que muda de voz são lugares que gostava de andar sozinha não faz diferença as fotos que esqueci de tirar nunca fizeram falta: olhar alguém do jeito que desejo ser olhada demora

faz tempo que não me reconheço em uma fotografia sim é meu corpo que vejo naquele retrato mas quando: a voz que grita não é minha posso provar é a baba colada no canto da boca que cala e corre de quem sou: o que é preciso saber não sei mas observo o movimento dos braços que envolvem meu corpo quando estou quase dormindo a desgraçada grita como se tivesse algo a dizer é o mesmo grito que queima a floresta o mesmo grito que dorme debaixo das pálpebras que escondem o mundo de quem

encho um pulmão de fumaça e o outro de verdade: a temperatura baixa quando alimento a raiz desse incômodo e puxo casquinhas de feridas secas com imenso prazer: numa foto dobrada meu corpo em pedaços monta outro um corpo dobrado e dentro da dobra descubro a fratura em quatro partes em cada dobra uma dobra esconde outra dobra e a dobra me dobra marcando o vinco no grito que esconde e não cala: debaixo da terra rasgo uma foto ao meio somos duas rasgo outra vez somos quantas rasgo de novo somos tantas

SOBRE A/OS ORGANIZADORA/ES E AUTORA/ES

Laura Cattani (Les Lilas/França, 1980), é doutora em Poéticas Visuais (UFRGS), artista visual (Ío), professora de Artes Visuais (UFPel), pesquisadora em arte (UnB), curadora adjunta 13ª Bienal do Mercosul, criadora do Instituto Cultural Torus, membro do Colegiado Setorial de Artes Visuais da Secretaria da Cultura do Estado do RS.

Munir Klamt (Porto Alegre, 1970) é doutor em Poéticas Visuais (UFRGS) com Pós-Doutorado na UnB. É artista (Ío), professor (IA-UFRGS), pesquisador e curador adjunto 13ª Bienal do Mercosul, criador do Instituto Cultural Torus. Compõe o comitê curatorial do MARGS.

Vitor Diel (Porto Alegre, 1982) é jornalista, assessor de imprensa dedicado à literatura, autor da coletânea de crônicas *Granada* (2008). Tem Especialização em Literatura Brasileira pela UFRGS e foi coordenador de comunicação da Feira do Livro de Porto Alegre por três anos. Editor do site literaturars.com.br.

José Falero (Porto Alegre, 1987) é escritor, autor de *Vila Sapo* (Venas Abiertas, 2019) e *Os supridores* (Todavía, 2020). Escreve semanalmente para a revista digital *Parêntese*.

Atena Beauvoir (Porto Alegre, 1991) é escritora e poetisa, professora e filósofa. É idealizadora da Nemesys Editora para publicação de literatura invisível e transantropológica. Autora de *Contos Transantropológicos* (2018), entre outros títulos.

Davi Koteck (Porto Alegre, 1995). Publicou o livro *O que acontece no escuro* (Taverna, 2019), e participou da antologia *Qualquer Ontem* (Bestiário, 2019). Edita a Revista *Rusga*. *Todo abismo é navegável a barquinhos de papel* (7letras, 2020) é sua estreia na poesia.

Jeferson Tenório (Rio de Janeiro, 1977.) Doutorando em teoria literária pela PUCRS. Seu romance *O beijo na parede* (2013) foi eleito o livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores. É autor também de *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020).

Juliana Maffeis (Porto Alegre, 1987) é professora, artista e escritora. Licenciada em Letras (PUCRS), mestra e doutoranda em Letras/Escrita Criativa (PUCRS). É autora de *O discurso amoroso de Ana C.* (Fi, 2014) e *Solitária companhia de teatro* (Patuá, 2017).

Mariam Pessah (Buenos Aires/Argentina, 1968) é ARTivista feminista, escritora e poeta. Seu livro *Grito de mar* (Taverna, 2019), foi recomendado pela revista *Cult*. Organiza há mais de 3 anos o Sarau das minas/Porto Alegre e ministra a oficina de Escrita e criatividade feminiSta.

Taiasmin Ohnmacht (Porto Alegre, 1972) é psicanalista, mestre em psicanálise: clínica e cultura pela UFRGS. Autora da novela *Visite o Decorado* (Figura de Linguagem, 2019). Está no catálogo *Intelectuais Negras Visíveis* (Malê, 2017), lançado na FLIP.



torus.art.br